

Revista Mensal - Ano 71 - nº 755 - €1,70

ABRIL - 2010

Revista ADVENTISTA

Liberdade
em **Cristo**

Tempo de celebrar!

A Rocha Mais Alta do que Eu

Senhor, leva-me para a Rocha que é mais alta,
Que é mais alta do que eu!
Vivo na planície, e sinto falta
De uma Rocha muito alta,
Que me eleve até ao Céu!

Pois que tens sido o meu refúgio, torre forte,
Dá que sintas, num transporte
De alegria, de certeza e segurança
Que minh'alma já descansa,
Bem firmada, sossegada,
Nessa Rocha que é bendita
E é tão alta que à alma aflita
Que se acolhe ao Seu abrigo,
Não assalta nenhum mal!

Ah, Senhor, leva-me, eu Te peço,
Ao recesso
Dessa Rocha que é mais alta,
Muito mais do que eu!
Leva-me, que sinto falta,
De uma Rocha que é mais alta,
Muito mais do que este fraco servo Teu!

Luiz Waldvogel
Oásis no Deserto, p. 69



DIAS E OFERTAS ESPECIAIS: ABRIL

● Acampamentos Regionais	1-4
● Programa de lançamento do Livro Missionário, fase 2	10
● Distribuição Nacional do Livro Missionário	10-18
● Reunião Regional de Colportores – Regiões Eclesiásticas Norte e Centro	11
● Encontro da Amizade	16-18
● Dia da Educação	17
● Reunião Regional de Colportores – R. E. Lisboa/Vale do Tejo e Alentejo/Algarve	18
● Sábado Médico-Missionário	24
● Dia das Publicações	24
● Campanha da ADRA	24-30

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

Este mês, vamos orar pelos seguintes campos e instituições da nossa Divisão:

- 29 Mar. a 2 Abr. – Associação Central da Renânia (SGU)
- 5 a 9 – União Italiana (IU)
- 12 a 16 – Hospital Waldfriede (EUD)
- 19 a 23 – União Búlgara (BU) e Seminário Teológico de Sofia
- 26 a 30 – Associação do Norte da Renânia-Westfalia (NGU)

COMUNICAÇÃO**“TEMPO DE ESPERANÇA”**

No programa “Fé dos Homens”, na RTP2, com transmissão diária de Segunda a Sexta-feira, a partir das 18:00h, e na Antena 1 a partir das 22h47, a Igreja Adventista terá um espaço nas seguintes datas:

- Segunda-feira 05 de Abril
- Segunda-feira 03 de Maio
- Segunda-feira 24 de Maio

Programa CAMINHOS

- Na RTP2, às 09h00 e na Antena 1 a partir das 06h00
- Domingo, 04 de Abril

Accredited by the
BRITISH COUNCIL

APRENDA INGLÊS NA INGLATERRA

CURSOS GERAIS
25 jan.-14 maio 2010
1 set.-15 dez. 2010
24 jan.-12 maio 2011

CURSOS DE VERÃO
8 julho-2 agosto 2010

Venha para o curso completo ou para um de seus módulos

Módulo 1: 8-19 julho
Módulo 2: 16-26 julho
Módulo 3: 23 jul.-2 agosto

Newbold College
Binfield, Bracknell, Berkshire
RG42 4AN, Inglaterra, UK
Telefone: +44 1344 407421
Fax: +44 1344 407405
www.newbold.ac.uk
Endereço Eletrônico: admissions@newbold.ac.uk

NEWBOLD COLLEGE
a mind-opening experience

Revista ADVENTISTA

ÍNDICE

- Poesia**
A Rocha Mais Alta do que Eu
- Memo/Anúncio**
- Página do Leitor**
A Essência do Carácter Cristão - O Fruto do Espírito
- Editorial**
Ponto de Viragem
- Artigo de Fundo**
Liberdade em Cristo
- Bíblia**
A Criação e a Certeza da Segunda Vinda
- Ciência e Religião XV**
A Verdade Sobre o Cristianismo III - Encontrando Deus nas Descobertas Recentes da Ciência
- Jovens**
O Anjo no Gueto de Varsóvia
- Vida Cristã**
A Síndrome de Eutico
- Igreja**
Herói naquele tempo, Heróis Hoje
- A Igreja em Acção**
- Jovens**
O Namoro no Século XXI: Será que Ainda Existe?
- Devocional**
Um Grito de Angústia
- Reflexão**
Agentes de Mudança



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

LARA VARANDAS

Revista ADVENTISTA

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve volta.

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S.A.

Director: José Eduardo Teixeira
Coordenador Editorial: Manuel Ferro
Chefe de Redacção: Paulo Sérgio Macedo
Colaboradores de Redacção: Ernesto Ferreira e Lara Varandas
Programação Visual e Diagramação: Sara Sayal e Marisa Ferreira

São bem-vindos todos os manuscritos, mesmo os não solicitados, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o número de telefone e fax, se for o caso. Se forem enviadas fotos, elas só serão devolvidas em caso de pedido expresso, senão ficam a fazer parte do arquivo da Publicadora SerVir.
E-mail: revista.adventista@pservir.pt

Proprietária e Editora:
 Publicadora SerVir, S.A.
 R. da Serra, 1 – Sabugo
 2715-398 Almagem do Bispo
 Tel. 219 626 200 – Fax 219 626 201

Director Comercial: Enoque Pinto
Controlo de Assinantes:
 (Assinaturas, Facturação e Alteração de Moradas)

Responsável: Paula Raimundo
 R. da Serra, 1 – Sabugo
 2715-398 Almagem do Bispo
 Tel. 219 626 200 - Fax 219 626 202
Expedição e Armazém:
 R. da Serra, 1 – Sabugo
 2715-398 Almagem do Bispo
 Tel. 219 626 200 - Fax 219 626 202

Impressão e Acabamento:
 Tipografia Offsetmais
 Tiragem: 1800 exemplares
 Depósito Legal N° 1834/83
Preço: Número Avulso: €1,70
 Assinatura Anual: €17,00

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E.R.C. –
 DR 8/99 artº 12º N° 1a
 ISSN 1646-1886

Ano 71 – N° 755 / ABRIL 2010



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

As Vozes da Igreja

A Essência do Carácter Cristão – O Fruto do Espírito

Tu, Senhor, que és a Videira,
Ajuda-me a ser ramo forte e seguro,
A dar bom fruto a vida inteira,
A ter sempre um coração são e puro.

Mantê-lo ardente de calor,
Inundando a todos com AMOR.
Dá-me, pois, imensa sabedoria,
Para irradiar alegria.

Ensina-me como se faz
Para se encontrar a PAZ;
Descobrir em Ti a ciência,
P'ra se ter PACIÊNCIA.

Saber cultivar a felicidade,
E ter com todos AMABILIDADE.
Saber usar de BONDADE
Através de toda a FIDELIDADE.

Saber lidar com o meu irmão,
Usando sempre de MANSIDÃO.
Haver DOMÍNIO PRÓPRIO no meu ser
E, desse modo, saber viver.

Ter dentro de mim caridade,
Ter JUSTIÇA em toda a VERDADE.
Conter tudo isto no meu coração,
E, assim, ter um CARÁCTER CRISTÃO.
Ámen.

Fátima Valdez

*Lara Varandas
Redactora da Publicadora SerVir*

Enviar para:

Revista Adventista
 (A/C Lara Varandas)
 Publicadora SerVir, S.A.
 Rua da Serra, 1
 Sabugo
 2715-398 Almagem do Bispo

ou para: lara.pservir@sapo.pt

Ponto de Viragem

O plano estratégico da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia para o presente quinquénio (2007/2012) (repito-o apenas para os mais distraídos) está registado num documento chamado “Anunciai ao Mundo ... Exaltai a Cristo”! É o resultado de considerações em oração, e conversas e reflexões despretensiosas de uma equipa alargada, sobre a mensagem e a acção de que Portugal necessita *agora*.

O ano de 2010 aparece como o seu lado mais visível. *Comunicar Cristo* é uma mensagem clara, que chama e desafia a Igreja e os indivíduos que dela fazem parte a permanecerem, sem vergonhas ou medos, ligados a Cristo e unicamente comprometidos com a Bíblia. Para mim, isto significa identificar-se com Cristo no estilo de vida “encarnacional” – identificação radical com todo o ser humano para o levar à salvação. Cristo agia com profunda afinidade e conhecimento do ser humano e das suas zonas de conforto.

Assim, este conceito leva-me a formular quatro questões, relacionadas com dimensões específicas do estilo de vida “encarnacional”:

- Como é que eu posso estar tão directamente presente, junto das pessoas que eu conheço e encontro no meu dia-a-dia? (dimensão de presença)
- Como é que eu posso estar genuinamente disponível e com vontade de me tornar amigo daqueles que encontro? (dimensão de proximidade)
- Como é que eu posso aprender, apresentar-me e submeter-me aos outros como servo? (dimensão de humildade)
- Como é que eu me mantenho como “pessoa do Livro” (Bíblia) e partilho a mensagem do Evangelho destemidamente e com coragem? (dimensão de proclamação)

Tendo um olhar de avaliação para aquilo que já foi realizado nos primeiros meses deste ano, podemos e

devemos congratular-nos no Senhor pelo empenho de todos. No que diz respeito ao livro missionário, mais de 700 000 livros vão estar disponíveis para distribuição. Aqui sou incapaz de ver apenas livros. Vejo, sobretudo, as pessoas de quem nos podemos aproximar por seu intermédio e falar de Jesus. Vejo a enorme seara que o Senhor tem preparada para nós. No que respeita ao projecto dos “Lares de Esperança”, mais de 300 famílias se comprometeram recebendo o material e formação para abrirem as portas das suas casas, transformadas em púlpitos, para pessoas que, de outra forma, não seriam nunca tocadas pelo Espírito do Senhor.

Contudo, nada do que foi alcançado nos deve fazer desviar da perseverança e continuação do projecto. Vivemos de uma forma que é muitas vezes mais confortável comprometermo-nos apenas durante algum tempo e curto. Muitas são as coisas que nos desviam da continuidade e da *endurance* da vida prática cristã.

Temos a oportunidade de continuar unidos e todos participarmos na distribuição do livro e respectivos convites para as campanhas de evangelização de Maio – dimensão de presença, humildade, proximidade e proclamação.

De nada serve o material e as formações se realmente não abriremos as portas da nossa casa e tivermos muitos lares de esperança – dimensão de presença, proximidade, humildade e proclamação.

Perante Deus, mostre a sua posição, a si mesmo, aos seus e ao mundo. Esteja presente e próximo dos pecadores que ainda não conhecem a esperança, em humildade servindo a Deus, a Sua Igreja e o próximo, na proclamação da mensagem mais importante e necessária para o homem dos nossos dias: Jesus Cristo está a voltar! ■

Como é que eu posso estar genuinamente disponível e com vontade de me tornar amigo daqueles que encontro?

Rúben de Abreu
Secretário da UPASD

Que eventos costuma celebrar? Quer seja o seu aniversário, o seu feriado favorito ou a comemoração do dia do seu casamento, o acto de celebrar é uma resposta humana normal e necessária perante uma experiência importante. A celebração anual que faz uma nação da emancipação da escravatura e da independência do domínio estrangeiro é um memorial necessário dos passos importantes dados pelo seu povo. É uma celebração da liberdade. A nossa experiência pessoal pode desfrutar de uma celebração maior da liberdade por meio de Cristo, que nos libertou da terrível presença, poder e consequência final do pecado.

Liberdade em Cristo

Patrick L. Allen

Tempo de celebrar!



Escravidão física

Ninguém quer ser escravo. Só o pensamento de o sermos arrepia-nos. A escravidão desumaniza, porque atenta contra o próprio centro da dignidade humana e degrada a auto-estima. Os escravos sofriam confinamentos espaciais, restrições temporais, subordinação aos seus donos e severos castigos em caso de desobediência. “Sob certas circunstâncias, foram legalizados os açoites, as marcas indelévels, os desmembramentos, as castrações e a morte dos escravos.”¹ Os escravos viviam a desejar não ter que viver na escravidão.

A procura constante da liberdade afirma que a humanidade está ‘programada’ geneticamente para ser livre. Em consequência, muitos escravos sofriam de depressão. Por outro lado, outros chegaram a aceitar passivamente a escravatura como algo normal. Nesses casos, a esperança e o verdadeiro significado da liberdade perdeu-se nas brumas do tempo. Uma das consequências da escravidão física costuma ser a escravidão mental.

Quer os escravos lutassem constantemente por alcançar a liberdade ou chegassem a aceitá-la como algo normal, a sua liberdade conseguiu-se com ajuda externa. Graças aos abolicionistas,

aos emancipadores e também a muitos outros escravos, essas pessoas mergulhadas na escravidão alcançaram finalmente a liberdade. No entanto, será a escravidão física, com as suas muitas consequências, a pior forma de escravatura?

A pior forma de escravatura

O conceito teológico de pecado é que a queda de Adão fez com que todas as pessoas que alguma vez viveram, que vivem e que viverão tenham o desejo e a inclinação natural para o mal. O salmista declara: “Eis que em iniquidade fui formado e em pecado me concebeu a minha mãe” (Sal. 51:5). Jeremias descreve o estado do coração humano: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso: quem o conhecerá?” (Jer. 17:9).

Nós não escolhemos a nossa natureza pecaminosa. Não tivemos escolha. O pecado aprisionou-nos, escravizou-nos e apoderou-se de nós, porque, ao escolher desobedecer a Deus, o nosso

antepassado Adão vendeu-nos, por assim dizer, à pior forma de escravatura: a escravatura espiritual, que significa ser escravos do pecado.

A escravidão do pecado é a situação de se estar programado por uma mente pecaminosa que se revela nos vícios da sociedade. Essa escravidão corrói progressivamente o desejo de fazer o bem. Por fim, “a consciência adormece, e já não discerne o detestável carácter do pecado”.²

Quando estamos sob a poderosa influência transformadora da graça de Deus já não somos escravos do pecado.

Podemos ver as consequências da escravidão ao pecado por toda a parte. Vêmo-las na imoralidade que sufoca as comunidades, as nações e o mundo inteiro. Vêmo-las no terrorismo, nos crimes violentos, nas ‘combinações’ desportivas, na corrupção política, nas leis opressivas, na violação dos direitos humanos, na subtil, mas evidente, erosão dos valores morais e na falta de justiça.

O apóstolo Tiago diz-nos que “... o pecado... gera a morte” (Tiago 1:15). Morte eterna! Pode a humanidade salvar-se? Paulo exclama, desesperado: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Rom. 7:24). Celebremos! Contamos com ajuda externa para nos libertar desta, a pior, forma de escravatura.

Cristo, o Libertador

Somos escravos em três sentidos: 1) do poder do pecado, que produz em nós pensamentos e actos pecaminosos; 2) da existência terrível de um mundo de morte e decadência; e 3) da consequência última do pecado, que é a morte eterna. Se queremos ficar livres da presença e do castigo do pecado, temos que ser libertados do poder do pecado.

Podemos ser libertados do poder do pecado? Paulo diz-nos: “Não reine, portanto, o pecado no vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes nas suas concupiscências. Nem tão-pouco apresenteis os vossos membros ao pecado, por instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, [...] e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça. Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois [...] estais [...] debaixo da graça” (Rom. 6:12-14).

Quando estamos sob a poderosa influência transformadora da graça de Deus já não somos escravos do pecado. Não estamos sob a condenação dos pecados assinalados nos Dez Mandamentos. A graça inclui uma ampla gama de favores imerecidos que Deus estende à humanidade escravizada e condenada à morte eterna. A suprema demonstração histórica da graça é o sacrifício de Cristo, por meio da Sua morte na cruz.

Mas então, o que é que consegue a morte de Cristo na cruz? Ela redime-nos! O ministério de Cristo tem que ver com a redenção. “O significado básico [da redenção] implica pagar o preço pela liberdade. Refere-se ao acto de libertar os cativos e os escravos do jugo da escravidão.”³ Marcos recorda-nos que “o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a Sua vida em resgate de muitos” (Mar. 10:45).

Deus chama-nos a aceitar o Seu resgate da escravidão espiritual e a colocar-nos sob a influência libertadora da Sua graça. A Sua graça oferece a vida do Seu único Filho e torna possível que sejamos perdoados de todos os nossos pecados, por meio do arrependimento genuíno. Através da presença consoladora do Espírito Santo, Deus dá-nos a capacidade de termos domínio sobre o ódio, a amargura, a fornicação, o roubo, a mentira, a cobiça, os homicídios, a idolatria, a quebra do Sábado, a falta de respeito e qualquer outra manifestação de escravidão espiritual.


Depois de sermos libertados por Cristo, o apóstolo Paulo diz que já fomos crucificados com Cristo, e que vivemos não mais nós, mas Cristo vive em nós, e a vida que agora vivemos na carne, vivemo-la na fé do Filho de Deus, que nos amou e deu a Sua vida por nós (Gál. 2:20).

Isto não significa que não haja tentações e que o pecador libertado perde instantaneamente a natureza pecaminosa e que, portanto, já não pode pecar. Significa que, para aquele que está debaixo da influência transformadora da graça divina, o pecado já não o pode dominar.

Em Cristo, aquele que era escravo do pecado começa a abraçar, a possuir e a apreciar os valores morais que caracterizam os cidadãos do reino. Este processo de formação espiritual reproduz verdadeiramente o carácter de Cristo na vida do crente. “A pessoa que foi libertada pelo Senhor é realmente livre, e não pode ser levada à escravidão servil do pecado.”⁴

Isso é algo digno de ser celebrado.





“A pessoa que foi libertada pelo Senhor é realmente livre, e não pode ser levada à escravidão servil do pecado.”

Conclusão

A celebração da independência de uma nação deveria recordar aos seus habitantes não só os aspectos negativos do passado, mas também a paixão triunfante da liberdade e o valor da auto-determinação. Essa celebração confirma os seus cidadãos como seres humanos plenos e impele-os a alcançar todo o seu potencial.

Para a raça humana, o potencial pleno é a qualidade de vida duradoura. A única maneira de chegar a essa vida é aceitar uma ajuda exterior, que é a ajuda divina por meio de Cristo, que nos liberta da escravidão do pecado. Essa liberdade constitui um vívido indicador da libertação final da presença e das consequências do pecado. Falta-nos submeter-nos cada dia a Cristo o nosso Libertador e celebrar a liberdade espiritual.

A celebração cristã requer que nos detenhamos a meditar na imensidão do amor de Deus. Entusiasma-nos saber que somos receptores da Sua graça. A celebração é uma afirmação poderosa de que somos Seus filhos e de que somos livres. Não só nos anima a obedecer-Lhe,

mas também nos motiva a partilhar a Sua mensagem de emancipação e de independência com aqueles que estão enclausurados na escravidão espiritual. ■

“Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (João 8:36).

Referências

1. “U. S. History: Colonial Period through 1865”, 31 de Outubro de 2008.
2. Ellen G. White, *Review and Herald*, 12 de Junho de 1894, par. 4.
3. Richard Rice, *Reign of God*, Berrien Springs, Michigan, Andrews University, p. 192.
4. Ellen G. White, *Mente, Carácter e Personalidade*, vol. 1, p. 324.

Patrick L. Allen

Ex-Presidente da União das Índias Ocidentais
Actualmente, Governador Geral da Jamaica



Participe na maior distribuição nacional de sempre de um livro missionário!

10 DE ABRIL

Contacte o coordenador local do Projecto do Livro Missionário 2010 da sua igreja



A Criação

e a Certeza da Segunda Vinda

E. Edward Zinke

Quem somos nós?

Seremos o resultado da acção de um relâmpago sobre uma sopa pré-biótica que se formou em antigos lagos?

Será que evoluímos daí para ácidos nucleicos auto-replicantes, depois para uma célula primitiva, depois para chimpanzés e, finalmente para seres humanos?

Será que estamos aqui porque o princípio da sobrevivência do mais apto guiou os nossos orgulhosos ancestrais?

Poderemos ser explicados e definidos pela teoria da evolução?

Se esse for o caso, o que é que isso nos diz acerca de Deus, de nós mesmos e do futuro?

Se a nossa origem tem de ser explicada com base no processo evolutivo, o que é que isso diz a propósito de Deus e do Seu papel e influência no Universo? Qual seria a parte, se é que haveria alguma, que Ele desempenharia na História e na nossa vida? Será que Ele sabe que existimos e Se preocupa connosco? Será Ele, simplesmente, uma poderosa força inanimada, ou uma mente prodigiosa como um computador? Será também uma pessoa? Se for esse o caso, como é que Ele Se relaciona connosco?

Estas e muitas outras perguntas, tão estranhas e retóricas como estas, podem ser feitas, quando se tenta perceber qual o papel desempenhado por Deus dentro de um conceito evolucionista. Todas elas pautam pelo absurdo, pelo irrespondível. Na verdade, a noção de um Deus Criador e mantenedor e o evolucionismo são irreconciliáveis.

Mesmo o evolucionismo cristão, de Teilhard de Chardin, não dá a Deus o seu devido lugar e honra. Pelo contrário, faz d'Ele um Deus distante, frio, impassível.

Um deus que é moldado para encaixar na teoria da evolução não passa de um “deus planificador” feito por nós mesmos – barro nas nossas mãos, uma imagem que se enquadra na sofisticação da sociedade moderna.

Evolução, pecado e salvação

Suponhamos que Deus trouxe a vida à existência no nosso planeta através do processo da evolução teísta, desenvolvendo-a, por meio da sobrevivência do mais apto, das formas de vida simples até à complexidade da criatura moral e inteligente chamada *Homo sapiens*. Que significado teriam então as palavras pecado e salvação? Será o pecado apenas uma ausência de progresso? Até que ponto poderiam os seres humanos ser considerados criados à imagem de Deus e, portanto, moralmente responsáveis?

Se nos encontramos simplesmente no processo de desenvolvimento evolutivo, não teríamos nenhuma necessidade da morte substituta de Cristo, já que, para começar, não teríamos perdido a imagem de Deus. E, sendo assim, quem é Cristo? Será Ele apenas o clímax do desenvolvimento evolutivo? Ter-se-á Ele, de alguma forma, tornado um exemplo para nós, de maneira a acelerar o processo da evolução humana? Se for esse o caso, será o cristianismo algo mais do que o clímax actual do desenvolvimento religioso?

A Evolução e a Bíblia

O que é que a evolução teísta diz acerca da natureza da Bíblia? Em que sentido, se é que há algum, poderia a Bíblia ser considerada a Palavra de Deus?

Alguns sugerem que a Bíblia pode ser apenas a história da evolução espiritual do homem – a história de indivíduos e de comunidades que passaram os seus conceitos religiosos de geração em geração. A espiritualidade amadureceu através do processo da evolução, dizem eles, e finalmente alcançou o clímax evolutivo em Jesus. Na sua ideia, a Bíblia é valiosa porque regista esse desenvolvimento espiritual, não porque seja a Palavra de Deus.

Se não aceitamos o relato bíblico da criação, ficamos com muitas, muitas perguntas, algumas suposições e nenhuma resposta. Temos uma identidade incerta. A natureza e até a existência de Deus são postas em causa. O nosso futuro está num limbo. Ellen White recorda-nos: “Aqueles que duvidam da confiabilidade dos registos das

Escrituras perdem a sua âncora e são deixados a debater-se contra as rochas da incredulidade. Quando constatarem que são incapazes de medir o Criador e as Suas obras com o seu próprio imperfeito conhecimento da Ciência, questionam a existência de Deus e atribuem poder infinito à Natureza.”¹

“Deus tem permitido que um dilúvio de luz seja derramado sobre o mundo nas descobertas feitas na Ciência e na Arte; mas quando homens declaradamente científicos falam e escrevem acerca destes assuntos dum ponto de vista meramente humano, chegarão com certeza a conclusões erradas. As mentes mais brilhantes, se não forem guiadas pela Palavra de Deus nas suas pesquisas, ficam desorientadas nas suas tentativas para investigar a relação entre a Ciência e a Revelação. O Criador e as Suas obras estão além da sua compreensão; e como não as conseguem explicar por meio das leis naturais, o relato bíblico é considerado indigno de confiança. Aqueles que duvidam da confiabilidade dos relatos do Antigo e do Novo Testamento serão levados a dar mais um passo e duvidarão da existência de Deus; e então, tendo perdido a sua âncora, são deixados a debater-se contra as rochas da incredulidade. Moisés escreveu sob a orientação do Espírito de Deus, e uma teoria correcta da geologia nunca afirmará ter feito descobertas que não possam ser reconciliadas com as suas declarações.”²

O conceito bíblico da origem da vida e da história da humanidade é completamente oposto ao conceito evolucionista. A Bíblia declara que Deus criou a vida e o seu ambiente habitável em seis dias literais consecutivos de 24 horas cada (Gén. 1). Êxodo 20:11 e 31:17 confirmam a Criação em seis dias. Deus dá a Criação em seis dias como razão para o quarto mandamento. Em vez de nos criar ao longo de um período de milhares de milhões de anos, Ele “formou o homem do pó da terra, e soprou nos seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Gén. 2:7; cf. Marcos 10:6).

Enquanto que a teoria da evolução encara a formação da vida ao longo de milhões de milhões de anos, a Bíblia declara que a Criação teve lugar pela palavra de Deus.

“Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da Sua boca... Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu” (Sal. 33:6-9; cf. Sal. 148:5, 6; Isa. 45:12).

Alguns tentam diminuir a historicidade de Génesis 1 a 11 dizendo que estes capítulos não estão a procurar descrever o que realmente aconteceu – são poesia, não

História. O seu propósito é apenas veicular a mensagem de que, no princípio, Deus criou. Não explicam o *como* da Criação, simplesmente registam *o facto* da Criação. No entanto, quer Génesis 1 a 11 sejam um relato histórico ou poesia, isso não altera o resultado, porque a Bíblia muitas vezes usa a poesia para apresentar a História.



As Escrituras confirmam a historicidade de Gênesis

Mas, quando olhamos para o conjunto das Escrituras, descobrimos que os autores bíblicos – e o próprio Cristo também – levaram a sério esses capítulos como sendo históricos. Paulo confirma que “primeiro foi formado Adão [não um bocado qualquer de lodo na água], e depois Eva” (1 Tim. 2:13; cf. Lucas 3:38; Rom. 5:14; 1 Cor. 15:22, 45). Cristo fez referência à criação do primeiro casal: “Não tendes lido que Aquele que os fez, no princípio, macho e fêmea os fez?” (Mat. 19:4). O Salvador usa o relato do Gênesis e não a teoria evolucionista como fundamento para a moralidade baseada no plano original de Deus: “Portanto, deixará o homem pai e mãe, e se unirá à sua mulher, e serão dois numa só carne” (verso 5). Do mesmo modo, Cristo aceitou como verdadeira a história de Noé e do Dilúvio: “Portanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos” (Mat. 24:38, 39; cf. 2 Pedro 2:5).

O agente na Criação, segundo a Bíblia, não foi a evolução orientada pela sobrevivência do mais apto, mas o Filho de Deus, o próprio Jesus Cristo. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e, sem Ele, nada do que foi feito se fez” (João 1:1-3; cf. verso 10; Col. 1:16, 17; 1 Cor. 8:6; Efé. 3:9; Heb. 1:1, 2).

O conceito de Criação que temos também afecta a nossa compreensão de Deus e o modo como nos relacionamos com Ele. O facto de Deus ser Criador providencia o fundamento para o nosso respeito (Isa. 17:7, 8) e para a nossa adoração a Ele: “Porque assim diz o Senhor que tem criado os céus, o Deus que formou a Terra e a fez; Ele a estabeleceu, não a criou vazia, mas a formou para que fosse habitada: Eu Sou o Senhor e não há outro” (Isa. 45:18). “Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque Tu criaste todas as coisas, e por Tua vontade são e foram criadas” (Apoc. 4:11; cf. Nee. 9:6; Actos 14:15; 1 Cor. 8:6). A Criação distingue Deus das outras divindades (1 Crón. 16:26).

Além disso, a Criação forma a base da nossa relação com Ele, porque no princípio Ele nos criou para companheirismo (Efé. 3:9). Aquele que, no princípio, ordenou à luz que brilhasse no meio das trevas, também faz brilhar no nosso coração a luz do conhecimento da glória de Deus revelada através de Jesus Cristo (2 Cor. 4:6). Em virtude do Seu poder criador, Ele é a base da nossa força (Sal. 121:2; 124:8). A nossa aceitação do relato da Criação baseia-se na fé: “Pela fé, entendemos que os mundos, pela palavra de Deus foram

criados; de maneira que, aquilo que se vê não foi feito do que é aparente” (Heb. 11:3).

O relato bíblico da humanidade difere substancialmente do oferecido pela evolução. Não somos filhos e filhas de primatas, mas filhos e filhas de Deus! A genealogia de Adão não recua até uma célula primitiva. Ele era filho de Deus (Lucas 3:38). Não fomos criados à imagem de um animal qualquer, mas à imagem e semelhança do próprio Deus (Gén. 1:26-28; 5:1, 2).

Ellen White avisou, há já muitos anos: “As conclusões a que chegaram homens sábios como resultado das suas investigações científicas são cuidadosamente ensinadas e plenamente explicadas; mas é claramente dada a impressão de que, se esses homens sábios estão certos, a Bíblia não o pode estar. Esses filósofos fazem-nos crer que o homem, a obra-prima da Criação, veio à existência através de lentos avanços a partir do estado selvagem e que, mais atrás ainda, ele evoluiu a partir de animais. Estão tão empenhados em excluir Deus do trono do Universo, que rebaixam o homem, e o privam da dignidade da sua origem. A Natureza é exaltada acima do Deus da Natureza; ela é idolatrada, enquanto que o Criador é enterrado e escondido da vista pela falsamente chamada Ciência.”³

A Criação e a Segunda Vinda

A Bíblia relaciona os relatos históricos da Criação, do Dilúvio e da Segunda Vinda. “Sabendo primeiro isto: que nos últimos dias virão escarneceadores, andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da Sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da Criação. Eles voluntariamente ignoram isto: que, pela palavra de Deus, já desde a antiguidade existiram os céus e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste. Pelas quais coisas pereceu o



mundo de então, coberto com as águas do Dilúvio. Mas os céus e a terra que agora existem, pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até ao dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios” (2 Pedro 3:3-7).

Cristo fez essa mesma ligação: “E como foi nos dias de Noé, assim será, também, a vinda do Filho do homem.

Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao Dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em

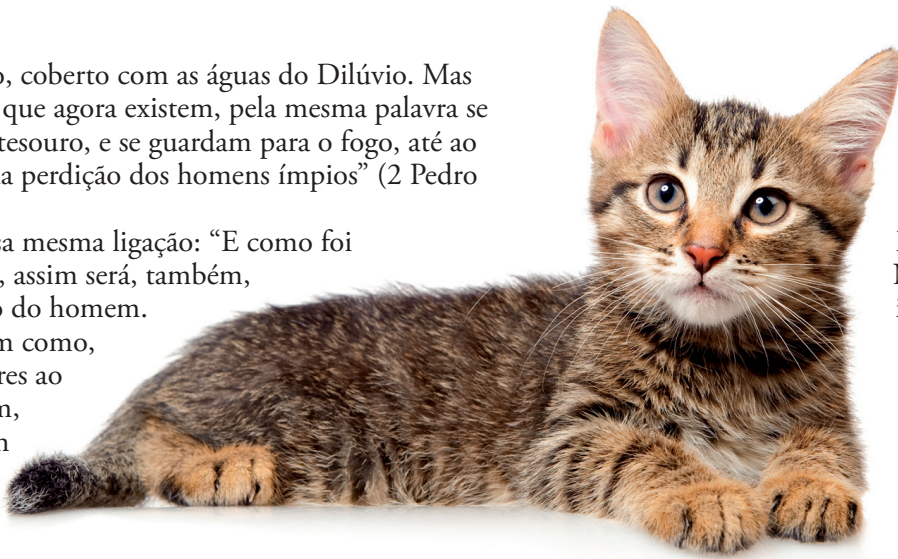
que Noé entrou na arca, e não o souberam, até que veio o Dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem” (Mat. 24:37-39). Portanto, as Escrituras usam as condições históricas da humanidade no tempo de Noé como uma analogia para os tempos que antecederiam a vinda de Cristo. Mais ainda, a mesma palavra que provocou a Criação e o Dilúvio provocará a destruição na Segunda Vinda.

A evolução teísta acha necessário reinterpretar o conceito bíblico da Segunda Vinda e da Nova Terra. Se Deus não interveio na História no momento da Criação, certamente não o fará numa Segunda Vinda visível e literal. Se Ele não criou pela palavra da Sua boca, também não recriará na Ressurreição. E se Ele não criou inicialmente o jardim do Éden, não vai recriar a Nova Terra. Para o evolucionista teísta, a escatologia não é uma entrada decisiva de Deus na História na Segunda Vinda. É a contínua evolução de uma vida melhor, um processo que a humanidade acelera ao promover uma sociedade moral e justa através de actividades como a revolta, a rebeldia, a redistribuição das riquezas, a educação, etc.. Mas, graças a Deus, podemos ter esperança na futura Segunda Vinda, porque Deus é o nosso Criador e Redentor!

A integridade da nossa mensagem

O Adventismo não será adventismo se aceitar a evolução teísta. O Deus activo que criou pela palavra da Sua boca, que comunicou através dos profetas, que viveu entre nós, morreu em nosso lugar, foi ressuscitado e ascendeu para ministrar em nosso favor, que voltará uma segunda vez para nos levar com Ele para o lar, que promoverá a ressurreição dos mortos e a recriação da Nova Terra, e que, finalmente, destruirá o pecado – não podemos adorá-l’O se Ele não existir.

Os Adventistas não adoram um deus que arrastou as Suas criaturas através do lodo da evolução, mas o Deus da Criação, um Deus pessoal que deseja passar tempo conosco e morar entre nós. Adoramo-l’O porque Ele nos



criou. É esse acto que O distingue dos deuses falsos desta era.

O cristianismo é um relacionamento com Deus e com Jesus Cristo. Não é um relacionamento imaginário, sem conteúdo, mas sim um relacionamento baseado no conhecimento do “único Deus verdadeiro” (João 17:3). Se o nosso relacionamento é com uma qualquer outra divindade, é idolatria. Quer

seja na sua forma darwiniana, que rejeita a existência de Deus, quer na sua manifestação teísta, que afirma que Deus foi o influenciador do processo evolutivo, a teoria da evolução nega a doutrina bíblica de Deus. Desenvolve um novo conceito de divindade baseado na Ciência, na História e na Filosofia, e nega o Deus que Se revelou a Si mesmo na Sua Palavra. Confiando na capacidade humana para descobrir “a verdade”, essas perspectivas seguem o mesmo caminho que Satanás seguiu. Dizemos que somos independentes de Deus, capazes de, por nós mesmos, definir ou criar um deus com a nossa imaginação.

A teoria evolucionista requer que reescrevamos a história de Deus, e que, portanto, redefinamos a Sua natureza. Ao fazê-lo, leva-nos a estabelecer um relacionamento com um deus falso, um ídolo. Quando Cristo vier a segunda vez, Ele deseja voltar para um povo que O espera, não que espera um “deus” qualquer. Ele voltará para um povo que é semelhante a Ele em carácter, não semelhante a esses “deuses” falsos que são o produto da nossa imaginação. Cristo quer um povo que não esteja na ignorância acerca de quem Ele é. Por isso, Ele está a chamar um povo que aceite e proclame a plenitude da mensagem bíblica – o evangelho eterno – parte do qual é “adorai Aquele que fez o Céu, e a Terra, o mar e as fontes das águas” (Apoc. 14:7). ■

Referências

1. Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 8, p. 258.
2. Ellen G. White, *Exaltai-O* (MM 1992), p. 60.
3. Ellen G. White, *The Signs of the Times*, 20 de Março de 1884.

E. Edward Zinke

Antigo membro do Instituto de Pesquisa Bíblica
Membro do conselho da Universidade Andrews e
Vice-presidente do Ellen White Estate,
Conferência Geral dos ASD

A Verdade Sobre o Cristianismo III — Encontrando Deus nas Descobertas Recentes da Ciência

MIGUEL MATEUS

Introdução

O diálogo entre Religião e Ciência é apresentado frequentemente como uma guerra entre dois campos inconciliáveis. Mas, quando olhamos os factos friamente, vemos uma realidade bem diferente.

Atribuo esta percepção de “guerra” à forma como os meios de comunicação funcionam, com uma tendência a incentivar polémicas e a categorizar assuntos apelando aos sentimentos dos seus leitores.

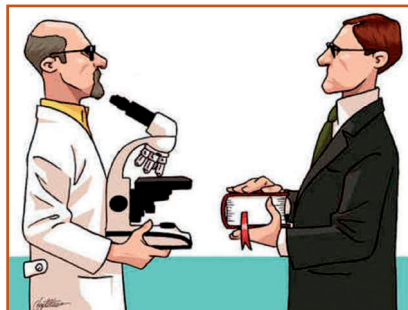
Neste terceiro artigo da série, “A Verdade Sobre o Cristianismo”,² vamos abordar a relação entre Cristianismo e Ciência e fazer algumas revelações que, com certeza, contradizem o que pensamos saber sobre a História, mas que estão devidamente suportadas por factos.

Continuaremos a utilizar como inspiração o livro de Dinesh D’Souza, *A Verdade Sobre o Cristianismo – Porque a Religião Criada por Jesus é Moderna, Fascinante e Inquestionável*, que representa uma defesa moderna do Cristianismo.

Não concordamos com todas as posições assumidas nesse livro, mas consideramos que é um contributo importante para a defesa da verdade e das razões da nossa fé e para estarmos preparados para defender a nossa crença de uma forma racional, como nos aconselha o Evangelho: “Estai sempre preparados para responder, com mansidão e temor, a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós” (I Pedro 3:15).

Neste artigo vamos procurar estabelecer duas verdades centrais:

- A Ciência organizada surgiu pela primeira vez num ambiente Cristão – e isso não foi por coincidência, mas sim pela própria natureza do Cristianismo.



Nesta série de artigos, pretendemos demonstrar porque acreditamos que a “religião criada por Jesus é moderna, fascinante e inquestionável”.¹

Desenvolveremos sete temas – um em cada artigo.

1) O Cristianismo é o principal fundamento da civilização ocidental.

2) **As descobertas mais recentes da Ciência sustentam a existência de um Ser Divino que criou o Universo** (artigo deste mês).

3) A Teoria da Evolução de Darwin não destrói as evidências de “design” do Universo, pelo contrário, reforça essas evidências.

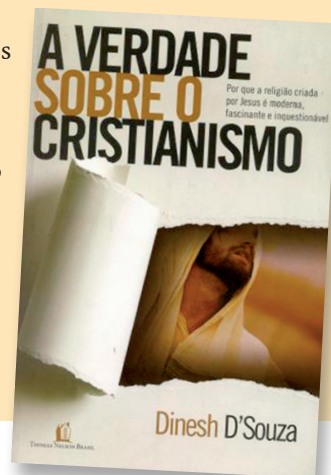
4) Não existe nada na Ciência que torne os milagres impossíveis.

5) É aceitável ter fé.

6) O ateísmo, e não a religião, é responsável pelos genocídios da História.

7) O ateísmo não é motivado nem baseado na razão.

Este mês abordamos o segundo tema.



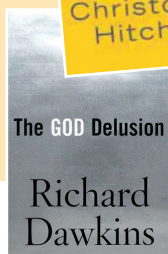
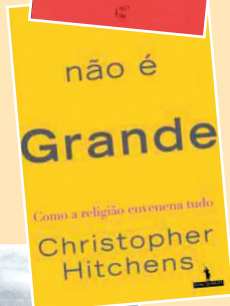
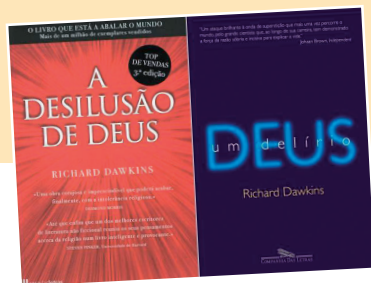
Os ataques recentes ao Cristianismo estão a ter grande impacto na sociedade.

As ideias não são novas, mas a violência e radicalidade das propostas e o eco que estão a ter na sociedade são um elemento novo e necessitam de uma resposta.

Estes são os autores mais salientes:

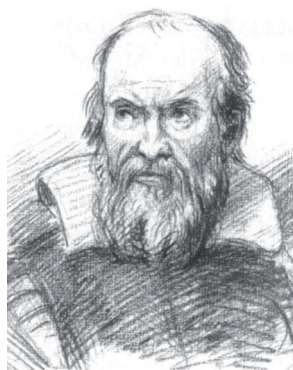
Richard Dawkins
Christopher Hitchens
Sam Harris

Poderíamos ainda citar vários outros, como Steven Pinker, E. O. Wilson, Daniel Dennett, Carl Sagan, ou até mesmo mais antigos como Bertrand Russel, que, não sendo tão agressivos, fornecem bases intelectuais para o ataque.



Os cientistas, sem o reconhecerem, necessitam de uma grande dose de fé para exercer a sua actividade.

No final do artigo, vamos “reabrir” o processo de Galileu e verificar como somos “vítimas” de uma verdadeira mistificação em relação ao que realmente se passou no seu julgamento, e como esse caso, que é apontado como o exemplo da guerra entre Religião e Ciência, demonstra exactamente o contrário...



O Cristianismo na origem da Ciência moderna

Uma das premissas para o desenvolvimento da Ciência é a crença de que existem leis constantes e universais no mundo que nos rodeia.

Quando olhamos para a história das religiões, verificamos que muitas das religiões primitivas eram animistas, com uma visão de um Universo “encantado”. Nessas religiões, “todos os rios, todas as árvores e todas as pedras eram habitados por espíritos. O mundo era misterioso, inconstante, imprevisível e incontrollável”.³

Numa escala quantitativa de sofisticação, poderíamos nomear em seguida as “religiões politeístas, como as dos babilónios, egípcios e gregos. Cada uma destas religiões postulava seres divinos – às vezes imortais, outras não – que se envolviam nas obras da Natureza, criando tempestades e terremotos”⁴.

Depois, podemos colocar as “religiões do Oriente, o Hinduísmo e o Budismo, seguidas de três grandes religiões monoteístas, o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Dessas religiões, somente uma – o Cristianismo – estava desde o início baseada na razão. O Judaísmo e o Islamismo, são essencialmente religiões baseadas na Lei: existe um legislador divino que decreta leis. [...] Tanto judeus como muçulmanos podem travar longas discussões, mas estas discussões limitam-se à melhor maneira de interpretar e aplicar os códigos escritos.”⁵

No caso do Judaísmo e do Islamismo, a principal disciplina é a jurisprudência, enquanto que no Cristianismo é a Teologia. “No caso do Budismo ou Hinduísmo não existem teólogos, porque os seres humanos não são chamados a investigar os propósitos de Deus.”⁶

O Cristianismo é a religião da razão. O teólogo cristão tem a responsabilidade de usar a razão para entender os caminhos de Deus.⁷

Quando consideramos a História do Cristianismo, vamos encontrar pensadores como Agostinho ou Tomás de Aquino, que colocaram em prática este princípio de utilização da razão e foi deste tipo de atitude que nasceu o que podemos chamar Ciência moderna.

A grande base da Ciência moderna – a passagem do caos para os cosmos

Neste momento quero afirmar que os cientistas, mesmo os cientistas ateus, aceitam a cada momento, no exercício da sua actividade, um acto de fé.

A “fé é o firme fundamento das coisas que se esperam,



e a prova das coisas que se não vêem”.⁸

Apesar de não constar das listas de grandes ideias da Ciência moderna, a ideia fundamental da Ciência é que “o Universo funciona com leis compreensíveis para a mente humana”.

Não existe – que eu conheça – uma demonstração científica para este conceito. É algo que resulta da experiência continuada, mas que, sempre que se vai realizar uma nova experiência ou penetrar num espaço desconhecido, é aceite como profissão de fé, de forma inconsciente por cada cientista.

Notem que as descobertas da Física Quântica têm gerado alguns paradoxos que parecem colocar esta ideia em questão. Isso demonstra que assumir que ela é verdadeira não é algo trivial – é uma demonstração de fé.

“Esses artigos de fé são essenciais para que a Ciência funcione. Sem a suposição irracional de que vivemos num Universo ordenado, a Ciência moderna é impossível. [...] Assim, onde é que o homem ocidental procurou essa crença num Universo unificado, ordenado e acessível? Como é que passámos do caos para o cosmos? A minha resposta, em suma, é: o Cristianismo.”⁹

Podemos, portanto, afirmar que até os cientistas ateus trabalham com pressupostos cristãos, invisíveis para eles.

Uma Questão de Matemática e de beleza

Continuando a ideia da secção anterior, podemos ainda surpreender-nos pelo facto de o Universo não ser apenas compreensível, mas de

que as suas leis podem ser escritas na linguagem da matemática.

Citando o grande Físico Richard Feynman: “A razão por que a Natureza é matemática permanece um mistério. [...] O facto de existirem leis é uma espécie de milagre.”¹⁰

Einstein afirmou que o facto mais incompreensível na Natureza é ela poder ser compreendida.

E não paramos por aqui. “Os cientis-



tas normalmente procuram novos padrões e ordem na Natureza. [...] Costumam indagar-se se uma relação é simples ou se é bela. Padrões que são extremamente desajeitados ou feios muitas vezes são rejeitados por essa única razão.

Porquê? Porque até o cientista mais secular presume que a Natureza não personifica somente a

ordem, mas também a simplicidade e a beleza. Isso, digo eu, é um resíduo cristão na Ciência moderna. É o breve sussurro, se quisermos ouvi-lo, de que a nossa Ciência, até hoje, se baseia em fundamentos religiosos. [...] Einstein confessou que em todo aquele que realmente examina a Natureza existe um tipo de reverência religiosa.”¹¹

“Reabrindo” o “Caso Galileu”

Quando consultamos os historiadores, verificamos que a ideia de guerra entre Ciência e Religião é essencialmente uma invenção do séc. XIX, de autores como John William Draper¹² e Andrew Dickson White.¹³

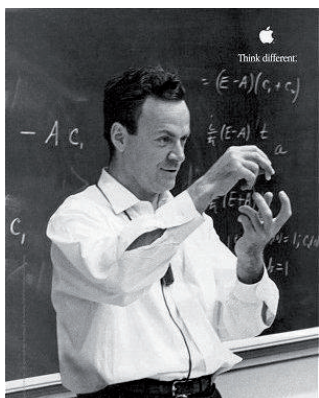
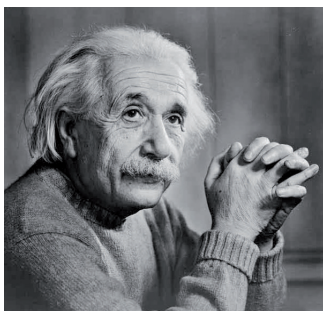
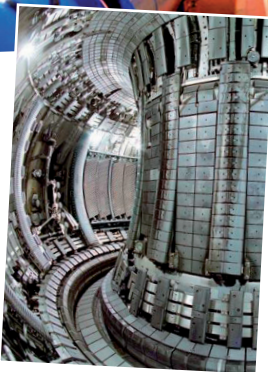
Os seus trabalhos encontram-se hoje completamente desacreditados por falta de rigor histórico, mas as ideias perduram no nosso imaginário colectivo, e são repetidas como mitos modernos ateus para suportar este ponto de vista erróneo.

Um dos episódios mais emblemáticos no nosso imaginário para suportar este conceito de “guerra” entre Ciência e Religião é o episódio do julgamento e da condenação de Galileu.

Este episódio foi imortalizado em várias obras artísticas como, por exemplo, a peça de Teatro de Bertold Brecht “Life of Galileu” (“Vida de Galileu”), inclusivamente com versão cinematográfica, realizada em 1975.¹⁴

Tratou-se de uma verdadeira “canonização de Galileu como um santo secular. Foi este o lugar que Galileu passou a ocupar na nossa cultura: um mártir pela causa da Ciência.”¹⁵

No entanto, quando consultamos os historiadores sobre os factos em relação a este caso, deparamo-nos com muitas surpresas. Em seguida comparamos a realidade com o mito que foi criado em torno deste episódio:



Mito		Realidade
A Teoria Heliocêntrica proposta por Galileu era inovadora e bem suportada pelas evidências.	→	Já no séc. III, Aristarco de Samos tinha proposto esta Teoria e ela continuava a ser discutida no tempo de Galileu, sem ter ainda obtido grande apoio. A verdade é que no tempo de Galileu a maioria da evidência ainda suportava a teoria geocêntrica.
Galileu estava certo nas suas propostas.	→	Galileu defendeu que as marés eram causadas pelo rápido movimento da Terra em torno do Sol (hoje sabemos que são causadas pela Lua) e afirmou erroneamente que os planetas tinham órbitas circulares, contrariando Kepler, que, esse sim, estava certo.
Galileu obteve inspiração para as suas teorias atirando objectos do alto da Torre de Pisa e verificando que atingiam o solo todos ao mesmo tempo.	→	Na verdade, não há registo de que Galileu tenha feito esta experiência, e o resultado, devido ao atrito da atmosfera, não seria o esperado – apenas no vácuo os objectos caem todos com a mesma velocidade.
Galileu era um cientista polémico no seu tempo e actuava “fora do sistema”.	→	Galileu era uma celebridade e um dos cientistas mais respeitados do seu tempo, tendo sido recebido com grande deferência pelo Papa e pelo Chefe da Inquisição – o Cardeal Belarmino.
Galileu foi condenado pelas suas posições científicas e por defender o Heliocentrismo.	→	Galileu foi condenado por ter desrespeitado um acordo com o papa, por no seu livro ter ridicularizado a posição da Igreja e representado o Papa de forma ofensiva através da personagem Simplício (Simplório), e por ter ido além de temas científicos e se ter aventurado em temas teológicos, argumentando que a Bíblia era alegórica.
Galileu foi colocado numa masmorra e torturado.	→	“Apenas” foi colocado em prisão domiciliar, tendo sido acolhido durante 5 meses pelo Arcebispo de Siena no seu magnífico palácio.
Galileu teria tido um julgamento parcial e injusto.	→	Todas as evidências apontam para um julgamento equilibrado e bem factual; os cuidados da Igreja foram exacerbados pelo contexto da Reforma, em que a Igreja estava a ser atacada, tendo tratado Galileu com extrema prudência.
Galileu teria desabafado, após ser forçado a retratar-se: “No entanto, ela move-se”.	→	Trata-se provavelmente de pura invenção; a defesa de Galileu foi muito pouco convincente.



“Galileu foi um grande cientista, com muito pouco bom senso. Estava certo sobre o Heliocentrismo, mas vários dos seus argumentos e provas continham erros. [...] As principais figuras da Igreja eram mais prudentes do que o impetuoso Galileu. [...] A Igreja não deveria tê-lo julgado, mas os seus julgamentos foram realizados com considerável moderação.”¹⁶

Apesar dos mitos que possamos ter formado no nosso inconsciente colectivo, “o pior que aconteceu aos homens de Ciência foi o que Galileu sofreu – uma detenção honrosa e uma leve repreensão – antes de morrer em paz na sua cama”.¹⁷

Bem diferente da guerra entre Ciência e Religião que nos é “servida” pelas fábulas dos ateus e que moldam o pensamento actual.

Conclusão

Ao contrário de uma guerra entre Religião e Ciência, o que temos são duas formas de olhar o mundo e encontrar a revelação de Deus.¹⁸

Esperamos que a “reabertura do caso de Galileu” nos tenha demonstrado que existe toda uma construção intelectual para tentar fazer valer a teoria da guerra entre Religião e Ciência, quando a realidade é muito mais semelhante a uma busca por caminhos paralelos de uma mesma verdade.

“Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das Suas mãos” (Salmo 19:1).

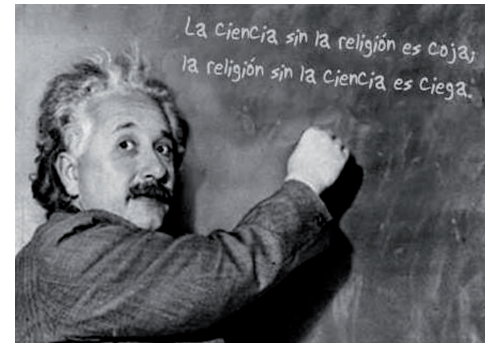
A conclusão lógica é exactamente a inversa da ideia de guerra – quando entendida correctamente, a Ciência vai iluminar a Bíblia e reforçar a Religião.



Ellen White afirma que “a Bíblia não deve ser provada pelas ideias dos homens da Ciência, mas a Ciência é que deve ser submetida à prova desse padrão infalível”.¹⁹

Albert Einstein

– apesar de não partilhar da nossa perspectiva em relação à Religião – reconhecia um elemento em falta numa Ciência individualista, tendo alegadamente afirmado que “a Ciência sem a Religião é coxa, mas a Religião sem a Ciência é cega”.²⁰ ■



Referências

1. Subtítulo do livro *A Verdade Sobre o Cristianismo*, por Dinesh D’Souza, em que se baseia esta série de artigos, sem edição portuguesa e com edição brasileira de Thomas Nelson Brasil.
2. Baseado no livro *What’s So Great About Christianity*, também disponível em edição brasileira, *A Verdade Sobre o Cristianismo – Porque a Religião Criada por Jesus é Moderna, Fascinante e Inquestionável*, por Dinesh D’Souza.
3. D’Souza, Dinesh. *Op. Cit.*, p. 106.
4. *Ibidem*.
5. *Idem*, pp. 106 e 107.
6. *Idem*, p. 107.
7. *Ibidem*.
8. Hebreus 11:1.
9. D’Souza, Dinesh. *Op. Cit.*, p. 115.
10. Richard Feynman, *The Meaning of It All – Thoughts of a Citizen Scientist*, em Português seria: “O Significado de Tudo – Reflexões de um Cidadão e Cientista.”
11. D’Souza, Dinesh. *Op. Cit.*, pp. 121 e 122.
12. John William Draper, *History of the Conflict Between Religion and Science*, 1874, em Português seria: *História do Conflito Entre a Religião e a Ciência*.
13. Andrew Dickson White, *History of the Warfare of Science With Theology in Christendom*, 1896, em Português seria: *História da Guerra da Ciência Contra a Teologia no Cristianismo*.
14. Pelo cineasta Norte-americano Joseph Losey.
15. D’Souza, Dinesh. *Op. Cit.*, p. 126.
16. *Idem*, pp. 133 e 134.
17. *Ibidem*, citando Alfred North Whitehead, no livro *A Ciência e o Mundo Moderno*, 2006, São Paulo, Paulus.
18. Ver artigo “Astronomia e Vida Noutros Sistemas Solares”, na *Revista Adventista* de Setembro de 2009.
19. E. G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 307.
20. Albert Einstein, *Science, Philosophy and Religion: a Symposium*, 1941.

Miguel Mateus

Engenheiro em Electrotecnia –
Telecomunicações e Electrónica
Mestre em Investigação Operacional
Grau de MBA – Master in Business and Administration

Rui Bastos



o Anjo do Gueto de Varsóvia

Quando o seu país foi ocupado pelo exército alemão, em Setembro de 1939, Irena Sendler era uma jovem enfermeira assistente social na cidade de Varsóvia.

Os alemães criaram um gueto na capital polaca, onde foram amontoados, em condições miseráveis, milhares de judeus. Vinham de todas as partes. Rapidamente, as condições tornaram-se muito difíceis, e, pouco depois, passaram a ser insuportáveis.

O tifo era uma grande preocupação, e o comando alemão imediatamente encarregou os polacos da tarefa de conter a doença. Irena Sendler viu nisto uma oportunidade

para poder ter livre acesso ao gueto, a fim de ajudar quem ali vivia.

No Departamento de Bem-Estar Social, onde Irena trabalhava, ficou decidido que o gueto seria uma prioridade dos esforços das assistentes sociais.

Inicialmente, a enfermeira Sendler levava comida para as pessoas mais necessitadas. Mas, quanto mais vezes ia ao gueto, mais consciente ficava da situação catastrófica que ali se vivia.

Rumores de uma deportação em massa para os campos da morte levaram Irena Sendler a criar um plano ousado – tirar as crianças de dentro do gueto, tantas quantas lhe fosse possível.

As probabilidades eram quase nulas. Com o aproximar da data da deportação, a vigilância alemã era cada vez mais apertada, a dificuldade de encontrar famílias dispostas a receber crianças era cada vez maior. Mas o maior de todos os obstáculos estava em conseguir convencer os pais a deixarem partir os seus filhos!

Tentar convencer uma família a salvar as crianças era algo extremamente doloroso. Muitos pais, em agonia, perguntavam a Irena se ela lhes dava garantias de que tudo daria certo.

Quando uma família hesitava em entregar uma criança para a fuga, normalmente, na próxima vez que



Irena a ia visitar, já não encontrava ninguém. Todos tinham sido levados, e estariam certamente mortos.

Irena ficou obcecada com o trabalho de resgatar crianças do gueto de Varsóvia. As crianças eram escondidas em sacos de batatas, retiradas em carrinhos de mão entre tijolos, dentro de caixões, em ambulâncias, até numa caixa de ferramentas alguns recém-nascidos foram transportados.

Durante um ano e meio, até à evacuação do gueto, no Verão de 1942, mais de 2500 crianças foram resgatadas da morte.

Irena criou um “arquivo” dentro de um frasco de compota, com o

nome judaico da criança, a família a quem foi entregue e o nome cristão que lhe deram.

Raramente dois irmãos ficavam juntos, por causa da dificuldade que as famílias tinham durante a guerra em alimentar mais duas bocas. Mas existia uma outra razão – poderia acontecer as crianças falarem entre si *iidish*, um dialecto judaico muito usado na Polónia, e assim denunciariam os seus hospedeiros cristãos.

Eram tempos difíceis, mas Irena Sendler olhava o futuro com esperança. Por isso, criou aquele curioso arquivo para permitir que

as famílias pudessem ser reunidas assim que a guerra terminasse. Infelizmente, a grande maioria das crianças salvas por Irena acabaram por ficar órfãs...

Em Outubro de 1943, a Gestapo prendeu Irena. Torturaram-na de forma tão brutal que lhe partiram as pernas e os pés. Apesar da crueldade com que foi tratada, nunca revelou nada sobre as crianças que salvou, e acabou por ser condenada à morte por fuzilamento.

A história de como foi salva é interessante.

Esperava para ser executada, quando um soldado a levou para um falso interrogatório. Enquanto caminhavam por um espaço aberto o soldado alemão gritou-lhe em polaco “corra”.

No dia seguinte, o seu nome apareceu na lista dos executados.

Até o fim da guerra, Irena continuou a trabalhar nas suas actividades “subversivas”, com uma identidade falsa.

A sua história só foi revelada ao mundo em 1999, por um grupo de estudantes americanos que faziam uma pesquisa sobre os heróis do holocausto. À medida que a vida de Irena Sendler se tornava conhecida,

O QUE MOTIVOU IRENA...

- Intensa **religiosidade**, levou esta jovem a pôr em prática o amor de Deus.
- **Respeito** pela vida humana, deu-lhe coragem para ir contra todos os perigos que se viviam durante o período da guerra.
- Espírito **prático**, permitiu a Irena fazer a escolha de salvar as crianças judias.

“Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus.”

Mateus 5:9



ISTO DÁ QUE PENSAR!

(Perguntas para reflexão)

1. Já viste perto da tua casa alguém que precise da tua ajuda? Uma pessoa idosa que precise de companhia, alguém que esteja doente ou uma criança que parece não ter amigos?
2. O que estarias disposto a fazer para ajudar nestes casos?

Desafio

Conversa com Deus e com uma pessoa da tua família, que te possa ajudar a concretizar um projecto pessoal de auxílio a uma pessoa necessitada.



Irena Sendler em 1942



Irena com o seu uniforme de enfermeira



Irena Sendler em 2008, pouco tempo antes do seu falecimento

Dados biográficos

1. Nasceu a 15 de Fevereiro de 1910, em Varsóvia, na Polónia.
2. Faleceu a 12 de Maio de 2008.
3. Profissão – enfermeira e assistente social em Varsóvia, na Polónia.
4. Notoriedade – resgatou do gueto judeu de Varsóvia mais de 2500 crianças entre 1941 e 1942.

muitas pessoas a identificaram como aquela que tinha sido a sua salvadora. As crianças que Irena Sendler salvara não lhe conheciam o nome, visto que ela era apenas chamada pelo cognome de Jolanta.

Reconhecimento

O governo de Israel atribuiu-lhe, em 1965, o título de “Justo entre as Nações”, o mesmo que foi dado a Óscar Schindler.

Em 2007, o seu nome foi proposto para o Prémio Nobel da Paz, perdendo naquele ano para Al Gore.

Durante toda a sua vida, Irena lamentou o facto de não ter conseguido salvar mais crianças. Apesar disso, não vivia amargurada. Era-lhe conhecido um sereno sorriso com que acariciava todos aqueles que a conheciam.

Profundamente religiosa, Irena acreditava que ajudar alguém necessitado não deveria ser um acto espasmódico de vacilante caridade, mas um imperativo moral ao qual nenhum cristão se podia negar.

Já faz dois anos que Irena Sendler faleceu. Foi no dia 12 de Maio de 2008, e no seu funeral estiveram muitas das “crianças” salvas por ela, assim como os seus descendentes. ■

PARA SABER MAIS

Na internet: http://pt.wikipedia.org/wiki/Irena_Sendler ou no youtube procura por “Irena Sendler”. Podes também ver o filme “The Courageous Heart of Irena Sendler”, de 2009 dos estúdios Hallmark Hall of Fame, ou ler o livro *The Mother of Holocaust Children*, de Anna Miezkowska.

Rui Bastos

Departamental de Jovens da UPASD

Kenley Hall

A Síndrome de **Eutico**

Quando o serviço de adoração começou, a grande sala do terceiro andar estava completamente cheia. A primeira parte do serviço foi dedicada a cantar hinos e salmos, misturados com testemunhos e muita oração. Finalmente, Paulo levantou-se para falar aos crentes reunidos. No seu coração sabia que esta seria a última vez nesta Terra que veria pessoalmente este grupo, e ainda havia muitas coisas que queria partilhar com eles.

Depois de limpar a garganta, começou onde sempre começava: partilhando o seu testemunho pessoal do que Cristo tinha feito e estava a fazer na sua vida. Quando ele começou a falar, um jovem que tinha estado em pé atrás durante todo o serviço observava a sala. Já estava em pé há algum tempo e desejava encontrar um lugar para se sentar. Os seus olhos descobriram uma das janelas que davam para a rua lá em baixo. Caminhando até à janela, sentou-se no parapeito e encostou-se à parte lateral da mesma. Ao fazê-lo, um sorriso iluminou o seu rosto e soltou um suspiro; sabia bem aliviar os pés. Agora podia estar sentado, descontraído e desfrutar do sermão de Paulo.

Dado que sabia que esta era a última oportunidade para falar pessoalmente aos crentes de Troas, Paulo teve dificuldade em parar de falar. Na verdade, é-nos dito que ele “alargou a prática até à meia-noite” (Actos 20:7).

A meia-noite chegou e passou, e Paulo continuava. De facto, ele só estava no começo. Foi pouco depois da meia-noite que Eutico, que estava sentado no parapeito da janela, sentiu os olhos pesados. Durante algum tempo, lutou com energia para se manter acordado, mas, finalmente, sucumbiu.

De repente, Paulo foi parado a meio de uma frase pelo som abafado de uma queda. Ouviam-se gritos na parte de trás da sala. A notícia espalhou-se rapidamente pela congregação de que Eutico tinha caído da janela. Imediatamente as pessoas saltaram dos assentos e correram pelas escadas até à rua. Fez-se silêncio no grupo quando viram o corpo destroçado do rapaz. “Está morto”, disse alguém que tinha chegado primeiro ao local, depois de verificar os seus sinais vitais.

Semelhanças hoje

Quão frequentemente é feita a mesma afirmação na igreja, ao Sábado de manhã, quando as pessoas divagam durante o sermão e saem da igreja espiritualmente mortas? A síndrome de Eutico parece ser uma realidade na igreja hoje.

No caso de Eutico, pode haver uma justificação. Na verdade, Paulo já estava a pregar há horas, quando Eutico adormeceu. A maioria de nós fica grata por o nosso pastor não pregar durante tanto tempo. No entanto, sermões de 25 a 45 minutos continuam a produzir a mesma síndrome. Podemos não adormecer literalmente, mas a nossa mente e o nosso coração não estão sintonizados naquilo que o pregador está a dizer. Estamos ocupados a sonhar acordados, ou a fazer na nossa cabeça uma lista de coisas

urgentes, e o resultado final é o mesmo – no final do sermão, não temos nenhuns sinais vitais espirituais.

Fiz, há pouco tempo, a mudança do ministério pastoral para o ministério académico. Depois de estar 15 anos atrás de um púlpito todos os Sábados, hoje dou comigo sentado à frente do púlpito. Este novo papel de ouvinte tem-me ajudado a perceber quão fácil é cair presa da síndrome de Eutico. Também tenho percebido quão fácil é pôr toda a culpa sobre o pregador. Mas também tomei consciência de que o problema é mais nosso, da congregação, do que do pregador. Jesus diz-nos: “Vede, pois, como ouvis” (Lucas 8:18). Se quisermos vencer a síndrome de Eutico, temos de tomar a sério a nossa responsabilidade como ouvintes.

RESOLVER – UM ACRÓNIMO ÚTIL

Um acrónimo adequado às responsabilidades que temos como ouvintes é RESOLVER. A palavra “resolver” significa decidir, solucionar e é isso que queremos que a Palavra falada de Deus faça connosco, que nos ajude a decidir por Jesus e a solucionar os nossos conflitos espirituais, dando-nos paz e esperança. Como acrónimo, exprime oito responsabilidades que nós temos, como ouvintes.

R – de REPOUSO. É fundamental que nos deitemos cedo na Sexta-feira à noite, para podermos ter o descanso necessário. Quando o nosso corpo tem o repouso suficiente, a nossa mente está mais alerta. Não é por acaso que o Sábado começa ao pôr do Sol de Sexta-feira, mas sim porque Deus planeou, desse modo, dar-nos mais tempo para descansar. Assim, temos tempo para diminuir o ritmo da semana e para preparar o nosso corpo e o nosso espírito para receberem a Palavra de Deus.

E – de EXPECTATIVA. Um aspecto imprescindível na preparação do nosso espírito para receber a Palavra de Deus é ir ouvir o sermão com a expectativa de que Deus vai estar presente e de que Ele terá uma mensagem para nós. A promessa de Deus é segura: “A palavra que sai da Minha boca não voltará para Mim vazia” (Isa. 55:11). Vamos à igreja na expectativa de que Deus vai falar e de que, ao fazê-lo, a Sua mensagem vai ministrar ao nosso coração? A questão nunca é *se* Deus vai estar presente. Ele *estará* presente (Mat. 18:20). A verdadeira questão é: Estaremos nós preparados para O receber, quando Ele Se apresentar?

S – de SÚPLICA. E. M. Bounds, no seu livro *Powerful and Prayerful Pulpits*, diz: “Sem preparação, o ouvinte não pode beneficiar com o que ouve. O sermão pode ser um fracasso por falta de preparação da congregação” (p. 86). É necessária oração antes, durante e depois de cada sermão. Precisamos de orar pelo pregador. Dar-se-á o caso de que a falta de pregações espiritualmente poderosas e cheias do Espírito Santo seja o resultado da nossa falta de intercessão em favor do pregador? Também precisamos de orar por nós mesmos, para que Deus abra o nosso coração e a nossa mente para receberem a Sua Palavra e nos dê

a graça necessária para pormos em prática o que ouvimos.

O – de OUVIR. Com demasiada frequência a nossa atenção foca-se em coisas que se passam fora de nós mesmos. Somos distraídos por aqueles que estão sentados ao nosso lado, ou pela nova mancha que vemos numa das cortinas, ou por coisas que temos a fazer na próxima semana. O diabo usa tudo o que puder para manter a nossa atenção focada no exterior, de maneira a não podermos ouvir o Espírito de Deus a falar ao nosso coração (Mat. 13:15-17). Para ficarem atentas durante o sermão, algumas pessoas acham útil ter um papel e um lápis à mão e tomar notas. Outras acham benéfico entrar em diálogo com o pregador através de uma resposta (dizendo “Ámen”, “Louvado seja Deus”, etc.). Também ajuda manter a nossa Bíblia aberta durante o sermão, de modo a podermos ver e ouvir a Palavra.

L – de LEMBRAR. É importante recordarmos, durante os dias seguintes ao Sábado, as promessas, as bênçãos, as advertências que Deus partilhou connosco durante a pregação. Também é útil lembrar a forma maravilhosa como Ele nos guia e protege, dirigindo a nossa vida para uma maior semelhança com Ele. Isso cria uma intimidade, uma confiança entre nós e Deus, que nos ajudará a abrir o nosso coração à Sua Palavra.

V – de VIGIAR. Devemos estar permanentemente atentos ao que chega à nossa mente. Vigiar não é tarefa fácil, mas precisamos de filtrar o que vemos e ouvimos, o que lemos, para que o nosso espírito esteja disponível para a acção do Espírito Santo. Se a nossa mente estiver cheia com coisas, com factos e planos deste mundo, dificilmente o Espírito de Deus achará lugar para tocar a nossa vida. “Do que o coração está cheio, disso fala a boca”, dizia Jesus. Compete-nos a nós enchê-lo com coisas de valor eterno, através de uma relação pessoal e constante com Deus.

E – de EXPERIMENTAR. O nosso objectivo máximo ao ouvirmos um sermão devia ser transformação. Não serve para nada (de bom, claro) irmos ouvir um pregador só porque “ele fala bem”, “tem o dom de pregar”, “faz cultos interessantes” ou é novidade. Devemos estar em diálogo permanente com Deus, ao longo de todo o sermão, perguntando-Lhe: “Como é que este sermão se aplica à minha vida?” “Que diferença deve fazer a Tua Palavra na minha vida familiar, no meu trabalho e nos meus relacionamentos?” Aplicando à nossa vida diária os ensinamentos da Palavra de Deus estaremos a desenvolver os nossos “músculos espirituais” e daremos a Deus a possibilidade de nos utilizar como Seus instrumentos em favor de outros.

R – de RENDIÇÃO. Por natureza, gostamos de ter as rédeas de tudo na nossa mão, gostamos de pegar no leme e de levar o barco da “nossa” vida para a frente e de enfrentar as tempestades como marinheiros indómitos e experimentados. Mas, na verdade, a única maneira de sairmos vivos da tempestade é entregando o leme a um Capitão que sabe e pode dominar as tempestades da vida.



Podemos não adormecer literalmente, mas a nossa mente e o nosso coração não estão sintonizados naquilo que o pregador está a dizer.

Submetermo-nos plenamente a Deus significa aceitar a Sua direcção e os Seus planos para nós, certos de que, no Seu amor por nós, Ele fará sempre o melhor. Mas essa rendição do nosso “eu” a Deus implica, também, que deixaremos de ser apenas ouvintes da Palavra, e que passaremos a ser praticantes (Tiago 1:22). Seremos levados a viver, na prática, cada palavra, cada conselho, cada advertência que o Senhor partilha connosco, quando está presente no culto. Se tal não acontecer, ou se não estiver a acontecer, é porque não estamos a ouvir de verdade. Então, devemos rever a nossa relação pessoal com Deus.

Um final feliz

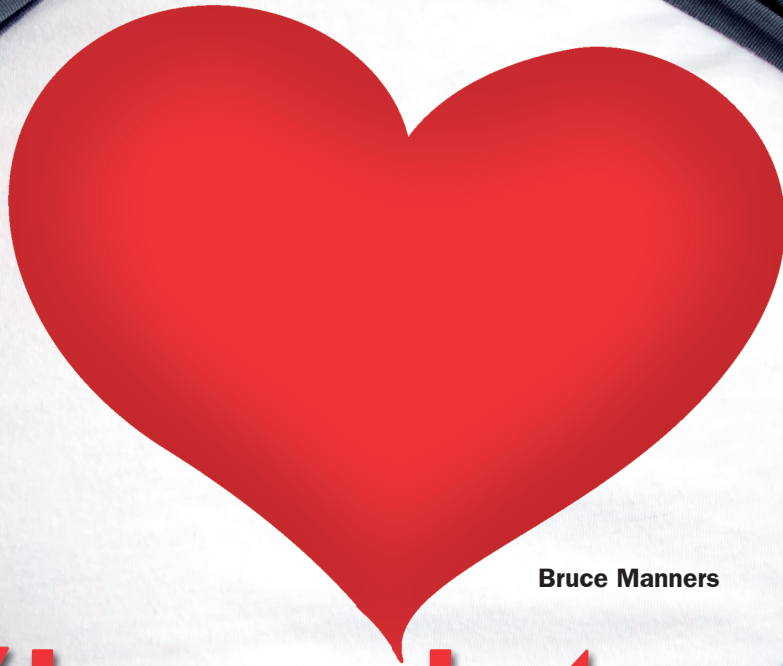
Em Actos 20, a história de Eutico termina bem. Passando rapidamente pelo meio do grupo, Paulo chega ao local onde Eutico jaz. Ajoelhando-se ao lado do corpo inerte, coloca os braços ao redor do rapaz e diz aos que observam: “Não vos perturbeis, que a vida nele está!” (Actos 20:10, *Bíblia de Estudo de Genebra*).

Que o mesmo se possa dizer de nós, espiritualmente, quando saímos da igreja cada Sábado: “Não temam – ele ou ela está vivo!”

A síndrome de Eutico pode ser vencida quando levamos a sério as nossas responsabilidades como ouvintes e quando aprendemos a **RESOLVER**. ■

Kenley Hall

Conselheiro de projectos de Doutoramento
Seminário Teológico da Universidade Andrews



Bruce Manners

Herói naquele tempo, Heróis Hoje

O comportamento estranho de Ezequiel é uma coisa, mas o amor é mais difícil.

Ele era o herói de Deus naquele tempo, e foi-lhe dito para fazer algumas coisas muito estranhas. Os seus escritos acabaram por ser considerados difíceis e adequados apenas para mentes judaicas maduras. O seu chamado tornou-o a demonstração prática da vontade de Deus junto do povo no exílio.

A primeira vez que encontramos Ezequiel é ao redor de Julho do ano 593 a.C., e ele caminha pelas margens do rio Quebar, em Babilónia. Há perto de quatro anos que é um exilado. Deus dá-lhe uma visão de seres vivos, de seres com quatro rostos e quatro asas, que voam por toda a parte. Cada um deles tem uma roda por baixo. Há rodas dentro de rodas, e os lados dessas rodas estão cobertos de olhos. Acima deles há um trono. Acima do trono encontra-se uma figura refulgente semelhante a um homem. Há um halo como um arco-íris ao Seu redor.

Incrível!

Um especialista tentou imaginar a reacção da mulher de Ezequiel: “Chegou a casa já tarde, caminhava com passos inseguros e parecia pálido e transtornado... Durante muito tempo não conseguiu pronunciar palavra, e quando o fez, nada do que ele murmurava fazia sentido. Falava de um arco-íris, de animais com quatro cabeças, de um grande carro e de um trono no céu, e de olhos a toda a volta” (Eze. 1-3).¹

Incrível, mas real! Ezequiel cai com o rosto em terra.*

Deus diz-lhe que ele deve ser um mensageiro junto do Seu povo no exílio. É avisado que eles são um povo rebelde. Um povo de coração duro. Não vão dar ouvidos.

“Mas não os temas, porque te fiz como uma rocha”, diz Deus. Ele precisava de o ser, pois Deus tinha-o chamado a agir de formas estranhas, excêntricas, a fim de fazer passar a Sua mensagem.

É dito a Ezequiel que pegue numa grande placa de argila – um grande tijolo – e desenhe nela um mapa de Jerusalém. Tem de criar rampas de assalto e acampamentos inimigos e aríetes, tudo em miniatura, ao redor da “cidade”.

“Agora”, diz-lhe Deus, “pega numa sertã de ferro e coloca-a entre ti e a cidade. Toma sobre ti os pecados do povo. Depois, deita-te sobre o teu lado esquerdo um dia por cada ano que o povo de Israel pecou contra Mim. Isso faz 390 dias. Depois deita-te sobre o teu lado direito, um dia por cada ano que o povo de Judá pecou contra Mim. São mais 40 dias.

Fica ali e profetiza a destruição de Jerusalém, porque vai ser destruída. Oh, e disse-te que ficarás amarrado, de maneira que não possas virar-te de um lado para o outro?”

Que estranho, não acham?

Mas vai tornar-se ainda mais estranho. Numa terra de abundância, Ezequiel recebe a ordem de comer como se houvesse uma fome e de beber como se houvesse uma seca. Depois, é-lhe dito para cortar o cabelo com uma espada e para o dividir em três partes. Uma parte,

que deveria ser queimada, é posta no centro do mapa de Jerusalém, na placa de argila; outra é espalhada à volta da “cidade”, onde ele a corta com a espada. A terceira parte é lançada ao vento.

Noutra ocasião, é-lhe dito para fazer as malas como se estivesse a fugir. E deve fazê-lo no exterior e à luz do dia, para que as pessoas o possam ver. Depois, à noite, como se estivesse a fugir, corre para a muralha da cidade e cava nela com as mãos, sem ferramentas.

Embora fosse verdade que Ezequiel tinha uma certa aceitação entre os exilados – os anciãos reuniram-se certa vez em sua casa – muitos devem ter pensado que ele era excêntrico ou estranho. As suas visões e o seu comportamento parecem grotescos. Na verdade, se ele fosse nosso familiar, provavelmente encorajá-lo-íamos a procurar (ou procuraríamos nós mesmos) ajuda psiquiátrica para ele.

Heróis de Deus hoje

Shelley Gare teme que os cabeças no ar estejam a dominar o mundo. O primeiro capítulo do seu livro *The Triumph of the Airheads* (O triunfo dos cabeças no ar) intitula-se “Porque é que o *i* vem antes do *u*”. Ela quer salientar que vivemos num mundo em que o eu predomina – eu antes de tu.

“Os cabeças no ar vêm as coisas do seguinte modo: Esta é a era do mercado livre, e a procura e aquisição de dinheiro a qualquer preço são hoje consideradas mais importantes do que o conhecimento, os valores e o bom senso.

Esta é também a era pós-moderna, o que significa que *não há* coisas como conhecimento objectivo ou valores ou verdades ou bom senso... Que sorte, não acham? Tudo depende de ti e da maneira como tu vês o mundo, por isso, não podes perder... Tudo o que consigas obter está certo, realmente.”²

Eu antes do tu. Deus está à procura de heróis para lutarem contra esta tendência. E Ele dá-nos uma perspectiva do que os Seus heróis devem fazer.

Primeiro, “Amai os vossos inimigos... e orai pelos que vos maltratam e perseguem” (Mat. 5:44).

Isto não faz sentido num mundo em que o eu está antes do tu. Podemos dizer que o amor bíblico é um princípio, como se defini-lo desse modo tornasse as coisas mais simples. Mas não é assim. Podemos dizer que não se trata de uma resposta emocional e divorciá-lo das emoções, mas é difícil fazer isso quando nos magoam.

A dificuldade surge quando nos magoam e Jesus diz: “Essas pessoas podem ser tuas inimigas, mas ama-as apesar disso.” Talvez seja alguém com quem temos mantido um relacionamento comercial, que abriu falência e que desapareceu, deixando-nos as dívidas. Amemos essa pessoa!

Ou pode ser alguém com quem temos tido um relacionamento sentimental, e que nos atraíu. Amemos essa pessoa!

Ou alguém que andou pela vizinhança a dizer mal de nós, a denegrir a nossa reputação – e que não pára. Amemos essa pessoa!

Às vezes é difícil amar as pessoas que nos são mais próximas, porque conhecemos as suas debilidades e os seus pontos fortes.

Isto é espantoso num mundo em que o eu passa antes do tu. Só um herói tentaria fazer isso. Mas os heróis de Deus aceitam esse desafio.

Segundo, “Nisto todos conhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:35).

Tente isto. Pense na pessoa da sua igreja de que menos gosta. Ame-a. Ame-o. Esse é o teste do seu discipulado.

Às vezes é difícil amar as pessoas que nos são mais próximas, porque conhecemos as suas debilidades e os seus pontos fortes. As pessoas que conhecemos podem ser as que mais frustração nos provocam. Construir um relacionamento pode ser difícil. Os relacionamentos são tarefas difíceis – perguntem a alguém que esteja envolvido num relacionamento problemático.

C. S. Lewis admitiu, certa vez, ter dificuldade em ir à igreja. Disse que preferia ficar em casa a ler teologia do que estar na igreja a aguentar os hinos de má qualidade e as músicas péssimas. Depois, reparou no fervor e no empenho de um idoso, que se encontrava na fila à sua frente, e que, por acaso, usava botas com um elástico no lado.

Ele chegou à conclusão de que não era digno de engraxar aquelas botas. Uma perspectiva “eu antes de tu” continuaria a queixar-se da música.

1 Coríntios 13 é um texto popular nos casamentos devido à sua ênfase no amor, mas seria bom lê-lo de novo e notar que a sua mensagem se refere à igreja e ao amor que nela se deveria encontrar. A igreja tem que ver com pessoas e com a forma como elas se relacionam umas com as outras.

Os heróis de Deus de hoje focam a sua atenção nos relacionamentos. O amor a Deus e o amor aos outros são uma prioridade. Uma igreja que seja um verdadeiro centro de amor cristão é muito mais apelativa do que qualquer coisa que a cultura do “eu antes do tu” pode oferecer. O amor vence as diferenças no estilo de adoração. É o amor influencia mais a vida do que a doutrina.

O que Ezequiel fez era excêntrico – embaraçoso. Era alguma coisa pela qual as pessoas podiam querer metê-lo atrás das grades. Mas era mais fácil do que os ensinamentos de Jesus. É mais fácil ficar deitado em frente de uma parede durante 390 dias, do lado esquerdo, depois 40 dias do lado direito, do que amar os nossos inimigos. É mais fácil cortar o cabelo com uma espada, dividi-lo em três partes, e espalhá-lo, do que amar um ex-sócio. É mais fácil fazer as malas e cavar através de uma muralha com as mãos do

que amar as pessoas desagradáveis da nossa igreja.

Isto não significa que fazer o que Ezequiel fez fosse simples. Mas cada tarefa era isso mesmo – uma tarefa. Difícil, sim. Mas, com determinação e, talvez, com uma inspiração profunda, conseguida – e terminada.

Mas amar não é uma tarefa, e sim um chamado para toda a vida. Na verdade, um chamado excêntrico num mundo “eu antes do tu”. E não se destina a um ou a alguns, mas a todos os seguidores de Jesus. Para os heróis de Deus hoje, isto só é possível se eles estiverem em contacto com Aquele que é amor.

Com que se parece o amor

Em Outubro de 2006, Charles Robert IV entrou numa escola Amish, em Nickel Mines, Pennsylvania, e disparou contra dez meninas, matando cinco. Depois, suicidou-se. Foi terrível!

Um acontecimento terrível que se tornou inspirador devido à reacção das famílias Amish e dos seus amigos. Na noite do crime, um vizinho Amish visitou a família Roberts e ofereceu-lhes perdão. E era sincero. Quando, de todos os Estados Unidos, chegou a ajuda financeira, os Amish prontamente deram uma percentagem à família do assassino, como ajuda pela sua perda.

“O vosso amor pela nossa família ajudou a proporcionar a cura que tanto necessitávamos”, escreveu Marie Roberts, mulher do criminoso. “Os vossos donativos tocaram o nosso coração de modo que as palavras não conseguem descrever... A vossa compaixão foi além da nossa família, além da nossa comunidade e está a mudar o nosso mundo, e por tudo isso vos agradecemos sinceramente.”³

O amor verdadeiro é representado pela resposta dos Amish. É radical. É extremo. Não é natural num mundo onde impera o “eu antes do tu”. E é o nosso desafio.

Deus demonstrou o nível máximo de amor – em Jesus. Jesus deu-Se continuamente. Como sacrifício. Ele focava-Se nos outros. Focava-Se nas pessoas.

O nosso chamado é para seguirmos o exemplo de Jesus. Os heróis de Deus são chamados a amar.

“Procurai uma vida de amor, como se fosse uma questão de vida ou morte – porque o é realmente” (1 Cor. 14:1, *The Message*, tradução livre) ■

Bruce Manners

Pastor da Igreja do Colégio de Avondale, Austrália

Referências

* As referências que são feitas a Ezequiel daqui em diante baseiam-se nos capítulos 3 a 5 e 12 do seu livro.

1. Johanna Stiebert, *The Exile and the Prophet's Wife* (Collegeville, Minnesota: Liturgical Press, 2005), p. 29.
2. Shelley Gare, *The Triumph of the Airheads* (Sidney, Austrália: Park Street Press, 2006), p. 19.
3. www.foxnews.com/story/0.2933.220857.00.html.

Ermesinde

Delegação de Ermesinde consolida relações com a Autarquia e agiliza Acção Social no Concelho

Adesão à Rede Social

É com gratidão a Deus e alegria que registamos a integração da Delegação da ADRA em Ermesinde na Rede Social do Concelho, para colaborar na promoção do desenvolvimento social, na erradicação da pobreza e no combate à exclusão social.

A integração da ADRA de Ermesinde nesta Rede reflecte a consolidação de relações entre a Delegação, as entidades autárquicas e algumas instituições de solidariedade social, traduzindo-se num maior envolvimento na planificação e intervenção social do Concelho.

Dia dedicado à Comunidade

A 31 de Janeiro de 2010, a Delegação da ADRA de Ermesinde abriu as portas das suas instalações a 28 famílias carenciadas proporcionando-lhes um início de dia diferente. Para além de momentos de confraternização, os presentes foram agraciados com um pequeno-almoço solidário, constituído por diversos alimentos e bebidas saudáveis.

De seguida, e ainda nas instalações da ADRA, a Delegação promoveu uma palestra subordinada ao tema “A Higiene”, proferida pelo Enfermeiro José Luís Sincer e Sepúlveda, do Centro de Saúde de Valongo e primeiro ancião da Igreja Adventista de Ermesinde, inaugurando-se, assim, o ciclo de palestras temáticas que a Delegação pretende realizar ao longo de 2010.

A palestra contou com a presença de 55 pessoas e teve como finalidade a consciencialização para a importância da observância das regras básicas da higiene

individual, habitacional e comunitária.

No final, todos os participantes receberam um kit de higiene (composto por pastas dentífricas, escovas de dentes, sabonetes e lixívia) patrocinado pelos membros da Igreja Adventista local e por alguns particulares.

Como já vem sendo hábito, a ADRA de Ermesinde procedeu ainda à distribuição de bens alimentares de primeira necessidade, contando para o efeito com o inexcedível apoio de várias entidades e instituições da região.

Paulo Gomes, Delegado da ADRA de Ermesinde, teve a oportunidade de testemunhar ao Jornal “A Voz de Ermesinde”, sobre a forma como têm decorrido as acções de solidariedade social, e de divulgar, portanto, aquilo que os tem motivado na ajuda ao próximo.



Por todo este ministério, a ADRA de Ermesinde rende graças a Deus e no Seu poder pretende continuar a olhar para “o Filho do homem que não veio para ser servido, mas para servir” (Marcos 10:45). Como ad-

verte Ellen White, os responsáveis pela Delegação tomam Cristo como exemplo máximo de benevolência e amor ao próximo: “constantemente Ele saía fazendo o bem – alimentando o faminto, curando os enfermos. Ninguém que a Ele viesse em busca de simpatia saía desapontado. Comandante das cortes celestiais, Ele fez carne e habitou entre nós, e a Sua vida de trabalho é um exemplo da tarefa que devemos executar. O Seu amor terno e piedoso é uma repreensão ao nosso egoísmo e dureza de coração.” (Ellen White, *Manuscrito 55*, 1901, p. 10).



Liliana Sousa

Publicações

Congresso de Colportores-Wagrain (Áustria)

De 16 a 20 de Setembro último, teve lugar em Wagrain, na Áustria, um Congresso de Publicações que contou com a participação de 700 Colportores de três Divisões: Euro-Africana, Euro-Asiática e Trans-Europeia. O mote deste encontro foi “Messengers of Hope”, e teve a dirigi-lo o Pr. Howard F. Faigao, líder mundial na área das Publicações, coadjuvado pelo Pr. Wilmar Hirle, assim como pelos respectivos Departamentais das Divisões presentes.

A representação portuguesa foi composta por 17 irmãos, que, durante os dias ali passados, tiveram oportunidade de assistir a reuniões e escutar experiências de vários lugares, trazidas por Colportores e líderes, onde foi evidente o grande trabalho e testemunho por Cristo que está a ter lugar em todo o mundo. Saímos daquele Congresso com muita saudade, fizemos muitas amizades, vivemos um clima extraordinário, mas todos regressámos com a convicção de que realmente somos “MESSAGEIROS DE ESPERANÇA”!

Deixo a todos os leitores alguns testemunhos de Colportores presentes neste encontro.



“Estou grato a Deus pela oportunidade que me deu de ter assistido a este Congresso. Ouvei experiências de outros colegas, e principalmente as mensagens dos nossos dirigentes, que me tocaram muito, e, ao mesmo tempo, dão muito ânimo e força para continuar esta tão importante obra das Publicações até ao fim. Deus seja louvado!” – **Acácio Lopes**

Em terceiro lugar, pelas experiências extraordinárias passadas pelos nossos irmãos em diversos países, principalmente na Roménia, Rússia, Polónia, e muitos outros onde existiu e existe alguma repressão e onde a fé destes irmãos é fabulosa. Em quarto lugar, por poder conhecer outros irmãos e as suas culturas.” – **Américo Silva**

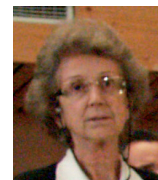
Deixo a todos os leitores alguns testemunhos de Colportores presentes neste encontro.



DIGA AO MUNDO
Mas... quem vai dizer ao mundo inteiro?



“O nosso encontro de Colportores em Wagrain foi uma bênção. Conhecer novos irmãos de várias partes do mundo só nos faz ver como Deus é grande e está em toda a parte. A mensagem veio lembrar-nos que temos um compromisso com o nosso Deus em relação a toda a humanidade. Uma responsabilidade de dar a conhecer o nosso amado Senhor a toda a nação, tribo, língua e povo, e que o nosso trabalho é para a eternidade.” – **Luzia Dutra**



“Durante este Congresso, quer o lugar onde estivemos, quer o ambiente que vivemos, fez-me sentir mais perto da Nova Terra.” – **João Ferreira**

“O meu testemunho resume-se em quatro pontos: Em primeiro lugar, dou graças a Deus pela oportunidade de poder estar presente neste Congresso. Em segundo lugar, pela oportunidade que tive de poder ver a força da nossa Obra da Colportagem na Europa.



Em terceiro lugar, pelas experiências extraordinárias passadas pelos nossos irmãos em diversos países, principalmente na Roménia, Rússia, Polónia, e muitos outros onde existiu e existe alguma repressão e onde a fé destes irmãos é fabulosa. Em quarto lugar, por poder conhecer outros irmãos e as suas culturas.” – **Américo Silva**

1ª Convenção Luso-Espanhola de Publicações

Pela graça de Deus, foi realizada, de 27 a 30 de Dezembro, a primeira Convenção de Publicações em conjunto com os nossos irmãos de Espanha.

Teve a participação de quase 90 pessoas, o que muito nos alegrou. Da parte da nossa União tivemos a presença do Pr. Eduardo Teixeira, e da parte da União espanhola esteve conosco o seu Presidente, Pr. Jesus Calvo, assim como o irmão Roberto Profeta, departamental de Publicações, e em representação da Safeliz, toda uma equipa dirigida pelo Pr. Carlos Puyol. O tema desta Convenção foi: “Tu, porém, vai e prega o reino de Deus” (Lucas 9:60).

Prezados leitores, foi uma bênção para todos nós termos participado nesta Convenção. Vivemos momentos verdadeiramente espirituais, momentos em que sentimos a presença do Senhor bem perto de cada um de nós! Desde as meditações, passando pelos cânticos, pela partilha de experiências que o Senhor nos tem proporcionado no nosso ministério, pela Santa Ceia que teve lugar, posso afirmar que o Senhor abençoou, inspirou cada um que teve a responsabilidade de dirigir a palavra.

A frase “Tu, porém, vai e prega o reino de Deus” representa a verda-

deira missão e visão da Colportagem que existirá até ao fim dos tempos. O Colportor não é um simples vendedor, mas sim um ENVIADO! Somos portadores de uma mensagem que pode mudar radicalmente a vida de muitas pessoas, e acredito firmemente que, tal como diz Ellen White, muitas e muitas pessoas se irão converter através da leitura das nossas Publicações. Todos nós, Colportores, vivemos com esta esperança, ou antes, com esta certeza!

Durante esta Convenção tivemos a oportunidade de ter algumas horas de formação com o Dr. Alberto Pereira da Silva, a propósito do lançamento de dois novos volumes na área da saúde. Trata-se da obra *Saúde pela Natureza*, da autoria do Dr. Ernst Schneider, que, creio, vai ser um êxito.

Foi muito interessante a presença dos nossos irmãos de Espanha, pois possibilitou toda uma partilha que sem dúvida nos enriqueceu, quer em termos espirituais, quer também em aspectos relacionados com o nosso trabalho. Desde há um ano que o Departamento de Publicações tem vindo a falar e incentivar os nossos irmãos de Espanha a trabalhar com a revista *Nosso Amiguinho*. Esta Convenção também serviu para falar e lançar esta revista junto dos Col-

portores espanhóis, os quais ficaram muito entusiasmados com a proposta e alcance do nosso trabalho junto das crianças e famílias. De tal maneira, que no momento em que escrevo este



artigo, temos a confirmação de que este projecto se vai concretizar, para honra e glória de Deus!

Grandes desafios nos esperam, igualmente grandes desafios foram lançados nesta Convenção a todo o grupo, mas acredito que, se cada vez dependermos mais de Deus, se cada dia confiarmos mais no Seu poder, podemos atingir os nossos objectivos, e deste modo contribuir para que “este evangelho seja pregado a todo o mundo nesta geração”.

Artur Guimarães
Departamental dos Ministérios
das Publicações da UPASD



Porto

A Igreja em Casa

“Durante 47 anos do meu Ministério sempre achei este projecto importante. Quando as pessoas ficam envelhecidas ou ficam impossibilitadas de estar na Igreja é preciso visitá-las, ampará-las e encorajá-las, como está a fazer a Igreja do Porto.” – *Pr. José Manuel de Matos*

Durante dois Sábados tive o prazer de acompanhar o nosso irmão Eduardo Monteiro (primeiro ancião da Igreja do Porto) e o Pastor José Manuel de Matos numa visita que efectuámos a casa dos nossos irmãos Jaime Branco e Deolinda Ferreira.

Muitas vezes nós afirmamos: “Amanhã vou à Igreja porque é Sábado.”

Agora, todos os Sábados a Igreja do Porto deseja ir a casa destes queridos irmãos.

São Sábados muito especiais, onde se recordam com emoção tempos maravilhosos que estes irmãos passaram na Igreja.

A Escola Sabatina foi passada pelo irmão Branco e o culto, com mensagens profundas, esteve a cargo do Pastor Matos e do irmão Eduardo Monteiro.

Este projecto de visitação dos irmãos doentes está a cargo dos irmãos anciãos da Igreja, para que todos os Sábados possam ser Sábados de muita alegria, para estes irmãos que foram e continuam a ser grandes obreiros na seara do Senhor.

Álvaro Bastos
Dep. de Comunicação

Fundão Baptismos

Foi com grande alegria que, no passado dia 16 de Janeiro, a Igreja do Fundão viu Fátima Pina da Costa e José Manuel Correia descerem às águas baptismas.



A irmã Fátima reside na bela localidade de Belmonte e conheceu a Igreja Adventista há já alguns anos. O irmão José Correia teve conhecimento da mesma através da sua esposa, irmã Rita Correia, baptizada também na nossa Igreja desde o ano 2006.

Estes dois novos e queridos membros foram preparados e baptizados pelo nosso Pastor Albino Vieira.



Ao receber os novos membros da família de Deus, a Igreja do Fundão ora ao Senhor para que os abençoe e os dirija sempre.

Rúben Gonzalez
Secretário da Igreja do Fundão

Lisboa

Festa de Natal da Oficina de Talentos no “Lar do Céu”

No passado dia 16 de Dezembro, a Oficina de Talentos teve a sua festa de Natal. No entanto, este ano foi uma festa diferente, especial. Foi nosso propósito este ano alargar o nosso raio de acção e, por isso, realizámos a nossa festa junto dos idosos do “Lar do Céu” (Instituição que presta apoio e cuidados a idosos). Levámos, assim, a alegria das crianças, com um programa especial de Natal, até àqueles idosos, tantas vezes esquecidos.

Pela graça de Deus, desde o primeiro contacto com o “Lar do Céu”, ao qual uma vez mais agradecemos, que fomos bem recebidos, e todos, crianças e idosos, pais e familiares, colaboradores das duas instituições, ficaram muito sensibilizados, felizes e agradecidos por este projecto.

Além de termos contado com a presença do Pastor Dário Santos, entregámos a cada idoso e colaborador do “Lar do Céu” um exemplar do livro *A Paixão de Cristo*, esperando assim que o Espírito Santo possa continuar a trabalhar no seu coração.

Vanessa Trindade



O NAMORO NO SÉCULO XXI: Será que ainda **existe?**

AMANDA NEWTON

O namoro Cristão em pleno século XXI é um assunto complicado. Hoje em dia, o cenário do relacionamento é bastante diferente do das gerações anteriores. Eu vivo num mundo diferente do dos meus pais. Eles conheceram-se na Universidade, namoraram, apaixonaram-se, e vivem um casamento feliz há já 28 anos. Ao crescer, era isto o que eu idealizava para a minha vida. Contudo, esta visão começou a mudar à medida que fui avançando em idade.

Enquanto adolescente, nunca fantasiei acerca do meu casamento. Não visualizava os arranjos florais. Não imaginava como seria a cerimónia ou que camadas teria o bolo. A única coisa em que pensava era no meu futuro marido. Lembro-me de orar por ele quando tinha 13 anos, para que Deus nos conduzisse um até ao outro no momento adequado. Sempre assumi que isto aconteceria na Universidade. Afinal de contas, a maioria das pessoas da idade dos meus pais conheceram-se ali. Parecia-me óbvio.

Quando entrei para a Faculdade, em 2002, esperava realmente conhecer este meu possível futuro marido. Não teria que me casar enquanto a frequentasse, sendo

suficiente que já estivesse noiva na altura em que me formasse. Apesar de tudo, eu teria de ser um pouco flexível. No momento em que concluí o meu ano de caloiira, apercebi-me de que isso não iria acontecer – os veteranos, rapazes e raparigas, nesta etapa da vida, parecem ter expectativas diferentes no que respeita às relações. Tive alguns amigos que se casaram quando ainda estavam na Universidade ou pouco depois, mas esses não foram a regra.

Nós Não “Namoramos”

Permitam-me educar as gerações para além da minha própria geração. As pessoas da minha idade não “namoram”. Continuamos a ter aquelas pessoas especiais, mas estes relacionamentos parecem desenvolver-se mais através de actividades de grupo do que através do namoro ocasional. Na geração anterior à minha, eram comuns os encontros ao entardecer. Isto não acontecia quando eu andava na Universidade. Nunca tive conhecimento de ninguém que fosse convidado para um encontro ao entardecer. Na verdade, por norma éramos gozados se houvesse esse convite.

Embora a minha geração (pelo menos na minha opinião) não namore, ainda se apaixonam. Por vezes, isto acontece em relações que se desenvolvem naturalmente.



Uma intensa interação de grupo forma um casal. Outras vezes, apaixonamo-nos pelos nossos amigos. Algumas vezes, estes relacionamentos resultam, outras não. Eu tenho tido a sorte de ter muitos amigos do sexo oposto ao longo dos anos. Mas as complicações também surgem mesmo com estes grandes amigos. Por vezes, os sentimentos tornam-se confusos. Eu já estive dos dois lados de um amor não correspondido, e isso, normalmente, termina de uma forma dolorosa.

No meio de toda esta confusão, como é que é suposto encontrarmos o verdadeiro amor? Se as relações simplesmente evoluem, como é que sabemos que isso é o correcto? Se não namoramos, como é que é suposto encontrarmos um cônjuge no momento em que estamos preparados para tal? Eu ainda estou a tentar encontrar as respostas.

Complicações

Pode parecer que namorar somente com outros Adventistas simplificaria as coisas. Porquê complicar as relações namorando com pessoas de fora da Igreja? Mas nem todos os Adventistas são iguais. Na realidade, actualmente existem vários patamares para o que significa “ser-se Adventista”. Há pontos de vista políticos conflituosos. Há diferenças na forma de guardar o Sábado. E, embora as gerações mais velhas possam não o querer reconhecer, há, infelizmente, muitos jovens Adventistas solteiros a beber e/ou a manter relações sexuais. Assim, um jovem Adventista tem de considerar quão importantes são estes assuntos num relacionamento futuro. Mesmo namorar com outro Adventista tem as suas complicações. Apesar de o casamento com um Adventista ser importante para mim, de forma alguma julgo os outros por casarem com um Cristão que não seja Adventista. Trata-se de uma escolha pessoal, mas o princípio bíblico é claro.

Após a Universidade, a disponibilidade imediata de outras pessoas solteiras – Adventistas ou não – diminui. A Igreja pode tornar-se rapidamente num serviço de encontros. Cada rapaz novo transforma-se num alvo. As raparigas podem passar facilmente da amizade para a competição. Por outro lado, a Igreja pode ser aquilo que é presentemente para mim – um grupo de pessoas com as quais eu me identifico. Em vez de competição, eu encontro pessoas que se apoiam umas às outras. Em vez de competirem com a nova rapariga ou de se oporem a ela,

No meio de toda esta confusão, como é que é suposto encontrarmos o verdadeiro amor? Se as relações simplesmente evoluem, como é que sabemos que isso é o correcto? Se não namoramos, como é que é suposto encontrarmos um cônjuge no momento em que estamos preparados para tal?



estas pessoas tentam integrá-la no grupo existente. Em vez de uma rival, a nova pessoa solteira passa a ser uma nova melhor amiga. É difícil sentirmo-nos sozinhos no seio de uma família como esta.

Tenho tido conversas sobre relacionamentos, tanto com a família como com os amigos, mais vezes do que as que consigo contar. É interessante como pessoas solteiras conseguem conversar tanto sobre relações. E as lamúrias são as mesmas: “Os homens não me convidam para sair”; “Teria resultado se não fôssemos amigos antes”; “Teria resultado se ele fosse mais velho, se ele fosse mais novo, se ele não fosse tão liberal, se ele não fosse tão conservador, se eu tivesse conseguido fazer com que ele se abrisse comigo.”

Quando É Correcto

No entanto, eu cheguei à conclusão de que é fácil, quando é correcto. Não estaremos de acordo em tudo. Teremos de fazer compromissos. E, ainda assim, teremos de lidar com o que cada um é. Mas, quando é correcto, as coisas simplesmente encaixam. Sempre parti do princípio de que uma relação deveria ser mais diversão do que trabalho. As relações saudáveis de que tenho conhecimento exemplificam isto mesmo.

Eu, pessoalmente, ainda estou à espera e a orar. Mesmo com todas as minhas dúvidas, eu acredito no amor verdadeiro. Há uma deixa fantástica de um filme que diz: “Há alguém no mundo para cada um de nós, mesmo que precisemos de uma picareta, de uma bússola e de uns óculos de visão nocturna para encontrar essa pessoa.” E eu acrescento: “Tomemos em consideração a orientação de Deus.”

As pessoas solteiras têm de se esforçar, mas estejamos atentos àqueles que Deus coloca na nossa vida. Na minha busca pelo amor e pela felicidade, considero este tempo da minha vida como sendo um ponto de viragem. É crucial para a minha jornada, mas está a conduzir-me a algo maravilhoso. Isto porque encontrar o amor nesta Terra permite-me ter um pequeno vislumbre sobre o que o Céu tem reservado para mim um dia. Quer tenha um namorado ou um marido, quer não, Deus deve ser sempre o número um. N’Ele estou verdadeiramente completa. ■

Amanda Newton

Contabilista no Centro Médico Adventista de Glendale, E.U.A.



NORMAN R. GULLEY

“E desde a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra, até à hora nona. E perto da hora nona, exclamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lama sabactâni; isto é, Deus meu, Deus meu, porque Me desamparaste?”

Mateus 27:45, 46

Um Grito de Angústia

Já alguma vez prestou atenção à serenidade com que Jesus orava? “Pai, é chegada a hora; glorifica a Teu Filho, para que também o Teu Filho Te glorifique a Ti” (João 17:1). “Pai, aqueles que Me deste, quero que, onde Eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a Minha glória que Me deste; porque Tu Me has amado antes da fundação do mundo” (verso 24). Cristo disse: “Por isto o Pai Me ama, porque dou a Minha vida para tornar a tomá-la” (João 10:17).

Mas, absorto nos Seus pensamentos, Jesus cruzou o ribeiro de Cedron, entrou no jardim do Getsémani (João 18:1) e as Suas súplicas mudaram de tom.

As orações de Cristo no Getsémani e no Calvário foram muito diferentes das Suas orações anteriores. Depois de dizer aos Seus discípulos “a Minha alma está profundamente triste, até à morte”, prostrou-Se em terra (Marcos 14:34, 35). Tão intensa era a Sua agonia, que orou: “Abba, Pai, todas as coisas Te são possíveis; afasta de Mim este cálice; não seja, porém, o que Eu quero, mas o que Tu queres” (verso 36).

A palavra *Abba* revela a Sua relação profunda com Deus¹ e o afecto

que sentia por Ele.² Em três ocasiões tinha sentido que a Sua missão era pesada (Marcos 14:34-41), mas em cada uma delas tinha-se rendido ao Pai, dizendo: “Não seja como Eu quero, mas como Tu queres” (Mat. 26:39, 42, 44).

Cristo veio à Terra para fazer a vontade do Seu Pai (ver Heb. 10:5-7), mas a agonia do Getsémani fê-l’O tremer quando Se aproximava da meta. Um anjo desceu do Céu para O fortalecer mas “posto em agonia, orava mais intensamente. E o Seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão” (Lucas 22:44).

A Intensidade da Sua dor

Alguns dos Seus compatriotas tinham-n’O entregado aos romanos. Judas atraçoara-O. Pedro tinha-O negado. Os Seus discípulos tinham-n’O abandonado precisamente quando mais necessitava deles. E Ele pôde suportar tudo aquilo, mas quando parecia que Deus também O tinha abandonado, o Seu coração ficou destruído, e gritou com força: “Deus Meu, Deus Meu, porque Me desamparaste?” (Mat. 27:46).

Aquele foi um grito de angústia, proferido com lábios trementes

e coração despedaçado, enquanto estava suspenso na cruz. Aquele era o terrível preço da nossa redenção, um preço que nós nunca poderíamos pagar, nem sequer compreender, mesmo durante toda a eternidade.

A palavra “clamar” ou “gritar” [*anaboao*] só se utiliza aqui em todo o Novo Testamento. É um verbo forte que indica uma emoção poderosa e uma súplica a Deus. Sugere um grito de agonia resultante do profundo sentimento de alienação que Jesus experimentou como “resgate” pela humanidade (ver Mateus 20:28). Nos evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas), esta é a única ocasião em que Jesus Se dirige a Deus sem Lhe chamar “Pai”.³

Paulo diz que aqueles que receberam “o espírito de adopção de filhos” [*huiiothesias*] exclamam [*krazomen*] “Abba, Pai” (Rom. 8:15; cf. Gál. 4:6). No entanto, mais ninguém poderia estar melhor qualificado do que o Filho de Deus para Se dirigir a Ele como “Abba”, o “Pai”. *Abba* é a palavra aramaica para fazer referência a Deus, é um termo carinhoso como “papá”. Nos evangelhos, Jesus, como Filho do homem, falou do Seu Pai e orou a Ele, e ensinou os Seus seguidores a orar, dizendo: “Pai nosso, que

estás no Céu” (Mat. 6:9). Então, por que razão agora, na cruz, Cristo clama com força “Deus Meu”, em vez de “*Abba*” ou “Pai”?

Nada pode separar uma pessoa de Deus (Rom. 8:35-39) excepto o pecado (Isa. 59:2). Isto significa que Cristo sentiu uma separação no mais profundo da Sua alma, porque carregou os pecados de todo o mundo (1 João 2:2). “O Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos” (Isa. 53:6). Como membro eterno da Trindade, Cristo sempre tinha estado rodeado pelo maravilhoso amor do Pai e do Espírito. Quão terrível era a Sua separação deles agora! A Sua solidão era intensa. Desde as alturas, o amor eterno tinha descido para salvar a humanidade, ainda que o preço que tivesse que pagar fosse muito alto, e sabendo que a maioria O rejeitaria. Não existe amor maior!

Cristo, no Seu corpo, “levou Ele mesmo os nossos pecados sobre o madeiro” (1 Pedro 2:24). “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-Se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro” (Gál. 3:13). Cristo sentiu-Se abandonado, separado do Pai, como se já não fosse Filho de Deus. A terrível carga do pecado, tão detestável para o Pai e para o Espírito, e tão horrenda para Cristo, acabou com a Sua vida. Essa carga do pecado separou Jesus da comunhão com o Pai e com o Espírito que Ele ansiava ter e de que necessitava tão desesperadamente.

O Calvário constituiu um juízo contra Satanás, o originador do pecado (Heb. 2:14), e contra o Salvador, como substituto dos pecadores (2 Cor. 5:21; cf. Isa. 53:10, 11). Cristo tomou o lugar de cada ser humano e sofreu o juízo divino pelos pecados de todos. Que gesto assombroso!

Abandono total

Jesus homem chegou ao limite, precisamente onde mais necessitava de Deus. Mas justamente no momento da Sua maior necessidade, sentiu-Se abandonado por completo. É impossível compreender a inexprimível angústia dessa terrível solidão.

Deve ter causado uma tremenda dor ao Pai e ao Espírito ver Jesus sofrer e morrer como homem, pois Eles sentiram o Seu sofrimento. O grito de Cristo é a experiência mais dramática dos evangelhos. Embora antes tivesse falado da Sua ressurreição (Mat. 16:21) e da Sua segunda vinda (Mat. 16:27), durante aquelas terríveis horas sobre a cruz não podia vê-las através da escuridão. Temia que a “separação [de Deus e do Espírito] se tornasse eterna”.⁴ Cristo estava disposto a perecer para salvar a humanidade. E tê-lo-ia feito ainda que fosse só por si, amigo Leitor!

Aquele foi um grito de angústia, proferido com lábios trementes e coração despedaçado, enquanto estava suspenso na cruz.

Cada membro da Trindade esteve envolvido no sofrimento na cruz. Para a Divindade foi um suplício ouvir o Varão de dores clamar: “Deus Meu, Deus Meu, porque Me desamparaste?” (Marcos 15:34). O “pagamento” da culpa humana implicava que Cristo assumisse o castigo por todos os pecados. Experimentou o abandono total de Deus que devíamos sofrer nós. Não havia outra maneira.

Não foi um Deus zangado que castigou a culpa humana, mas sim um Pai e um Espírito quebrantados que sofreram juntamente com Cristo, embora só Ele devesse ser o sacrifício pelo pecado. Ninguém jamais poderá compreender a profundidade do sofrimento partilhado pela Trindade durante as horas que Jesus esteve suspenso na cruz. Só podemos imaginá-lo nas palavras: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu Filho unigénito” (João 3:16).

Esperança por fim!

Toda a Trindade esteve presente na cruz. O Calvário abre as profundezas insondáveis do amor divino, de maneira que a rebelião não possa surgir de novo (ver Naúm 1:9). O amor revelado no Calvário atrairá e manterá para sempre todos os seres, tanto

os não caídos como os salvos, perto de Deus, em adoração e louvor.

Pouco antes da Sua morte, com profunda fé, Cristo dirigiu-Se uma vez mais a Deus como Pai: “Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito” (Lucas 23:46). Maravilha das maravilhas: o indefeso Jesus humano, que possuía a plenitude da divindade, nunca dependeu da Sua própria divindade, mas agarrou-Se à divindade do Seu Pai, ainda que, como portador do pecado, Se sentisse abandonado por Deus. Quem pode entender a profundidade do sacrifício que isto representou?

Quando olho para a cruz, clamo com força a Deus, para que quebre o meu coração, e me leve a dar-me conta de que Jesus morreu pela minha transgressão da lei, pelo meu pecado e por minha culpa. Clamo com força para que possa amá-l’O de todo o coração, para que possa deleitar-me na Sua lei e odiar o pecado pelo que Lhe fez. O meu pecado crucifica novamente Cristo (Heb. 6:6). Por isso oro: “Quebranta, ó Deus, o meu coração, para que eu não quebre o Teu.”

Nós não poderemos viver como Ele viveu se não estivermos com Ele. Mas dado que Cristo sofreu a agonia de estar separado de Deus e experimentar essa sensação de abandono, Deus promete-nos: “Não te deixarei, nem te desampararei” (Heb. 13:5).

Cristo experimentou o abandono mais terrível para que nunca tenhamos que estar longe de Deus.

Que assombrosa substituição! ■

Referências

1. William L. Lane, *The New International Commentary on the New Testament: Mark*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1974, p. 518; cita e concorda com J. Jeremias, *The Prayers of Jesus*, p. 62.
2. Ronald Y. K. Fung, *The New International Commentary on the New Testament: Galatians*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1988, p. 185.
3. R. T. France, *Tyndale New Testament Commentaries: Matthew*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1985, p. 398.
4. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, cap. 78 “O Calvário”, ed. P. Servir, p. 642.

Norman R. Gulley

Professor de Investigação de Teologia Sistemática, Southern Adventist University, EUA

Agentes de Mudança

O mundo está a mudar a uma velocidade estonteante. Muitas pessoas olham para trás e suspiram pelos “bons velhos tempos”. Que querem elas dizer realmente? Hambúrgueres a 99 cêntimos, médicos que respondem a chamadas ao domicílio, gasolina a 20 cêntimos o litro? Elas falam como se o passado fosse uma existência idílica, dourada, com ar, rios e ribeiros perfeitamente limpos; sem crises energéticas nem aquecimento global; com laços familiares apertados e com alegria, em vez do medo de armas em casa e de terroristas no estrangeiro; uma vida simples, na verdade.

“O mundo é demasiado grande para nós”, opinava um jornal nacional. “Estão a acontecer demasiadas coisas, há demasiados crimes, demasiada violência e agitação. Façam o que fizerem, sempre ficarão para trás na corrida, apesar de serem quem são. Há um incessante esforço para mantermos o andamento... e, no entanto, perdemos terreno. A Ciência despeja as suas descobertas sobre nós com tanta rapidez que ficamos esmagados e desesperados. O mundo político é notícia e as mudanças são tão rápidas que ficamos sem respiração só a tentar perceber quem fica e quem sai. Tudo está sob alta pressão. A natureza humana já não aguenta muito mais.” Parece algo tirado de um editorial recente do *New York Times*. Mas, imaginem só! – isto apareceu no *Atlantic Journal*, no dia 16 de Junho de 1833 – há mais de 176 anos!

Tudo na vida depende da nossa perspectiva e da nossa atitude. Algumas pessoas olham para trás e só recordam os melhores tempos, mesmo que tenham sido realmente os piores. Outras, vêem os problemas actuais como se fossem fenómenos novos. Mas, se pensarmos bem, desde a Queda (Gén. 3), o mundo tem girado fora do eixo. Todas as gerações têm enfrentado desafios e idealizado o passado, quando confrontadas com

as duras realidades presentes do efeito cumulativo do pecado.

A verdade é que todos desejamos que os tempos mudem para melhor, especialmente ao embarcarmos naquilo a que muitos hoje chamam cultura emergente. Chamamos-lhe isso porque toda a nossa cultura parece estar a desfazer-se rapidamente e ninguém sabe onde vamos parar.

Como parte desta filosofia, uma nova ética está a substituir os valores centrais tradicionais. O valor do indivíduo e a santidade da vida humana estão a ser rejeitados, juntamente com os valores religiosos e com a ideia do certo e do errado objectivos. Aparentemente, não há nada de especial em ser humano. Matar parece benéfico, o suicídio parece lógico, a eutanásia parece um acto de compaixão e cuidar dos deficientes e dos idosos parece um fardo que desperdiça recursos financeiros limitados.

Algumas (poucas) pessoas estão a tentar desesperadamente mudar estes tempos. Algumas prometem mudanças em que podemos acreditar numa altura em que os governantes mundiais lutam por encontrar respostas aceitáveis para as guerras que estão em curso, para o terrorismo, para o aumento do desemprego e para um moral nacional cada vez mais baixo. Outras respondem generosamente aos desastres naturais à escala global, apenas para descobrirem que não têm qualquer controlo sobre os tempos e os seus sinais de decadência. Eu própria me juntei ao movimento de e para a mudança ao trocar o calor duma paróquia da Califórnia pelos longos invernos dum seminário no Michigan. Mas só Deus pode mudar os sinais e os tempos.

A Bíblia afirma enfaticamente: “[Deus] muda os tempos e as horas” (Dan. 2:21). De facto, as Escrituras deixam claro que todos os nossos tempos estão nas mãos do Senhor (Sal. 31:15). Se acreditássemos nisso de verdade, talvez fizéssemos menos

planos para o futuro e fôssemos mais obedientes aos Seus mandamentos (João 13:34).



Sinto-me grata porque, no meio de tantas mudanças, muitas coisas permanecerão iguais, tais como Jesus Cristo, a pessoa a Quem adoramos (Heb. 13:8); as Suas verdades que tanto amamos (2 Tim. 2:19); a Sua promessa de que estará sempre connosco (Mat. 28:20); e, acima de tudo, esta: “Eis que cedo venho, e o Meu galardão está comigo, para o dar a cada um segundo as suas obras” (Apoc. 22:12).

Permaneçamos mentalmente saudáveis, espiritualmente sóbrios e salvos ao longo deste ano e até que Jesus volte, apesar das mudanças pessoais, nacionais e globais. Para o conseguirmos, temos de voltar aos fundamentos e estar alerta (1 Pedro 5:8), estudar para nos apresentarmos a Deus aprovados (2 Tim. 2:15) e amar-nos uns aos outros tal como Cristo nos ama (João 15:12).

Deste modo, o mundo saberá que somos verdadeiros agentes de mudança para o bem! ■

Hyveth Williams

Professora de Homilética Seminário Teológico Universidade Andrews, Michigan, EUA

8

remédios lhe damos...



...para recomeçar a viver em

8 dias!

Programa:

NEWSTART®

Recomeçar a Viver!

29 Ago. a 5 de Set.



MiraVillas
Aparthotel

Pensão completa e todos os materiais incluídos:

Quarto duplo: €675 por pessoa

Quarto individual: €780

O programa inclui: Acompanhamento médico

(avaliação de colesterol/ glicémia / % gordura corporal)

Aulas de Saúde | Alimentação Vegetariana |

Exercício Físico | Descanso | Massagem |

Curso de Culinária Vegetariana

Inscrições feitas
até 15 de Junho:
10% desconto

Data limite
para inscrições:
31 de Julho de 2010

Tel.: 21 845 42 30

e-mail: info@medicinapreventiva.pt
www.medicinapreventiva.pt



associação portuguesa de
Medicina Preventiva

Av. Almirante Reis, 219 Cv/D1º 1000-049 Lisboa
tel: 218 454 230 fax: 218 454 231 NIF: 506574458